

PARÁ Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARÁ (FIEPA) • ANO 2 • Nº 6 • JAN / FEV 2009

Incentivos fiscais

- ✓ Como eles podem aumentar a competitividade das empresas
- ✓ Os novos mecanismos de estímulo
- ✓ Por que eles são essenciais para o estado



ENTREVISTA

Ítalo Ipojucan: as micro e pequenas empresas devem buscar o mercado internacional



FIEPA

www.fiepa.org.br



Desenvolvimento para a Indústria

Ao longo dos seus 56 anos, o SENAI vem transformando a indústria paraense. Atualmente, estamos em 11 municípios. Mas isso não é o bastante. Ainda este ano, chegaremos em mais três, totalizando 14 municípios e 17 Centros de Educação Profissional.

Tudo isso com um único objetivo: atender cada vez mais as indústrias do Pará.

SENAI. Fortalecendo as indústrias através de mão de obra capacitada.



Informações sobre nossos cursos:
(91) 4009-4767

EDITORIAL

José Conrado Santos

Presidente do Sistema FIEPA (Federação das Indústrias do Estado do Pará)



FIPA: A FORÇA DO SETOR PRODUTIVO PARAENSE

O ano começa com muito trabalho para a FIEPA. Além de articular reuniões com os associados e com o poder público para discutir assuntos de interesse do setor produtivo, os esforços estão se concentrando para a realização da 9ª edição da FIPA, a já tradicional Feira da Indústria do Pará, que pretende reunir mais 100 expositores, no Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia, no mês de maio, em Belém.

A FIPA é o momento em que o setor produtivo mostra a sua força e seu potencial para a sociedade paraense. Mesmo em um momento de crise financeira mundial, os empresários do Pará estão esperançosos que haja uma inversão do foco de alguns setores produtivos, que visam o mercado internacional. Atualmente, para driblar essa crise, alguns empreendedores estão investindo no mercado nacional e no mercado interno, além de adotar mecanismos para ajustar seus processos produtivos e desenvolver novas atividades comerciais - temos casos de indústrias que estão plantando espécies florestais não apenas para atender ao setor madeireiro, mas também para produzir óleos e biojóias.

A FIPA é a vitrine da indústria paraense. É a oportunidade para os industriais mostrarem ao público o que têm produzido e o porquê de as estatísticas terem registrado um crescimento do setor industrial paraense. Mesmo diante da crise, a balança comercial do Pará fechou o ano de 2008 com um saldo superavitário de mais de US\$ 9 bilhões, uma variação positiva de 32% se comparada com 2007. Esses números revelam a força do setor produtivo local e a motivação do empresariado para garantir o desenvolvimento regional e, conseqüentemente, a geração de renda e emprego para a nossa gente.

A Feira da Indústria, apesar de não estar focada diretamente nos negócios, é muito importante para a dinamização da economia local. Volto a enfatizar que este é um momento ímpar para toda a sociedade, que poderá ver de perto os expositores e conhecer os mais variados produtos e serviços ofertados pela indústria do nosso querido Pará.

Outro fator importante da FIPA é a participação

das empresas do interior. Levando-se em consideração as dimensões territoriais do Pará, muitas empresas que atuam fora da capital paraense às vezes não são conhecidas do grande público. Com a feira, essas empresas podem se apresentar e mostrar o seu valor.

Não é à toa que mais de 35 mil pessoas visitaram a FIPA de 2007, todas com o intuito de descobrir o que a nossa indústria produz de melhor. Acho que neste ano muitos visitantes vão se surpreender com os produtos expostos. É importante que se diga que a FIPA é reflexo do esforço de inúmeros empresários que querem ver, de fato, o desenvolvimento sustentável do estado do Pará.

“A FIPA é a vitrine da indústria paraense. É a oportunidade de conhecer os produtos e serviços da indústria do estado. Não é à toa que mais de 35 mil pessoas visitaram a feira em 2007”

Mesmo lutando contra as adversidades e até mesmo contra a falta de uma política direcionada para o setor industrial, esses visionários e empreendedores não perdem o otimismo. Muito pelo contrário, se unem para mostrar que existe coragem, dedicação e, acima de tudo, vontade de continuar gerando emprego para os paraenses e, conseqüentemente, desenvolvimento para o estado.

Não posso deixar de citar que a FIPA também conta com a participação de micro e pequenas empresas, incentivadas também pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Elas garantem presença porque reconhecem a importância desta vitrine para seus produtos e serviços.

Nosso povo paraense é guerreiro. E como não poderia deixar, os empresários seguem confiantes de que a crise não vai afetar a vontade de vencer e de inovar destes caboclos amazônicos, que não desanimam, mesmo diante da falta de apoio das autoridades governamentais constituídas. Fica aqui o convite para que a sociedade paraense e todos os empresários participem desta feira, que pretende mostrar a força e a pujança do setor industrial paraense. ■



Diretoria da Federação das Indústrias do Pará / FIEPA
Quadrênio 2006/2010
PRESIDENTE: José Conrado Azevedo Santos
VICE-PRESIDENTES
 Sidney Rosa - 1º VICE-PRESIDENTE
 Gualter Parente Leitão - 2º VICE-PRESIDENTE
 Manoel Pereira dos Santos Jr.
 Luiz Carlos da Costa Monteiro
 Antônio Georges Farah
 Ronaldo Maiorana
 Roberto Kataoka Oyama
 Juarez de Paula Simões
 Fernando Antônio Ferreira
 Nilson Monteiro de Azevedo
 Luiz Otávio Rei Monteiro
DIRETORES
 José Duarte de Almeida Santos - DIRETOR SECRETÁRIO DA FIEPA
 Antônio Djalma Vasconcelos - 2º DIRETOR SECRETÁRIO
 Ivanildo Pereira de Pontes - DIRETOR EXECUTIVO
 Roberto Rodrigues Lima - 1º DIRETOR TESOUREIRO
 Carlos Jorge da Silva Lima
 José Maria da Costa Mendonça
 Marcos Marcelino de Oliveira
 Fábio Ribeiro Vasconcelos
 Jefferson Rodrigues Brasil
 Antônio Pereira da Silva
 Pedro Flávio Costa Azevedo
 Paulo Afonso Costa
 Jadir Seramucim
 Antônio Emil Macedo
 Eugênio Carlos Lopes Victorasso
 Hélio de Moura Melo Filho
 Ana Clara Rodrigues Boralli
 Sonia Kerber
CONSELHO FISCAL
Efetivos:
 Fernando de Souza Flexa Ribeiro
 Luizinho Bartolomeu de Macedo
 Lisio dos Santos Capela
Suplentes:
 José Roberval Souza
 João Batista Corrêa Filho
CHEFIA DE GABINETE
 Fábio Contente

PARÁ Industrial

Revista do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA)

PRODUÇÃO

temple
COMUNICAÇÃO

Av. Conselheiro Furtado, nº 2865
 Edifício Síntese 21 - Salas 1201, 1203 e 1205
 Bairro São Brás | Cep: 66040-100
 www.temple.com.br | temple@temple.com.br

REDAÇÃO

Coordenação: Cleide Pinheiro
Editor: Raimundo Pinto
Editor-assistente: Fernando Alves
Projeto gráfico e diagramação: Calazans Souza
Tratamento de imagem: Antônio Machado
Reportagens: Adriana Ferreira, Alessandra Barreto, Dandara de Almeida, Fabrício Gesta, João Bosco, Liliane Villacorta, Lorena Nobre e Yuri Age
Revisão: Ivanildo Pontes

PUBLICIDADE

Temple Comunicação
 Walkiria Medeiros - walkiria@temple.com.br
 (91) 3205 6516 / 3205 6500
Impressão: Marques Editora
 Tiragem: 10.000 exemplares

FIEPA: Travessa Quintino Bocaiúva, nº 1588. Cep: 66035-190.
 (91) 4009 4900/ (91) 3224 1995
 e-mail: ascom@fiepa.org.br ou paraindustrial@fiepa.org.br

* As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente o pensamento da FIEPA.

MARCELO LEILIS



“
 Temos potencial para ampliar significativamente o universo de empresas que fecham negócios com o mercado internacional”

ENTREVISTA:
 Ítalo Ipojuca, presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae. Pág. 8.

- 3 • **EDITORIAL** | José Conrado: como a FIEPA pode dinamizar a economia local e valorizar os produtos paraenses
- 12 • **ECONOMIA** | Produtos não tradicionais se sobressaem e ganham destaque na balança comercial
- 16 • **NEGÓCIOS** | Volta ao mundo: FIEPA leva empresários para conhecer as potencialidades do mercado chinês
- 20 • **CIDADANIA** | Veja como o lixo tecnológico pode se transformar em benefícios para uma comunidade
- 24 • **ESTRATÉGIA** | Programa de Desenvolvimento Associativo busca aumentar a representatividade dos sindicatos



INCENTIVOS FISCAIS

O poder público tem a chave para estimular a competitividade do setor produtivo paraense.

Pág 26

- 32 • **SAÚDE** | Programa de educação alimentar dá a empregados informações sobre como elaborar uma dieta mais saudável
- 36 • **INDÚSTRIA SOCIAL** | Alubar cria oportunidades de geração de renda e incentiva a valorização cultural
- 38 • **ESTÁGIO** | Programa do IEL estreita relações entre estudantes, universidade e mercado de trabalho
- 42 • **QUALIFICAÇÃO** | Senai investe em ampliação de unidades para aumentar sua atuação no Pará
- 46 • **SOCIAL** | Como o esporte pode prevenir doenças dos trabalhadores e melhorar a produtividade na indústria
- 48 • **BENEFÍCIOS** | FIEPA lança plano de previdência complementar para funcionários do sistema indústria

leia mais...



RADAR DA INDÚSTRIA | 7
 Fábrica Freitas Dias, pioneirismo na indústria

VIDA CORPORATIVA | 31
 É possível se manter de pé em meio à crise

INDÚSTRIA EM FOCO | 51
 O setor pesqueiro retratado por David Alves

COLABORADORES

- SIDNEY ROSA** | 1º vice-presidente da FIEPA
- JOÃO MENEZES** | Gerente de Recursos Humanos da Vale
- MAURO CORREA** | Diretor executivo do Sindiferpa

Esporte melhora o resultado de pessoas e de empresas.

JOGOS DO SESI 2009

Jogo limpo é o nosso maior valor

Incentive os colaboradores da sua indústria a participar dos Jogos do SESI 2009. Ao todo serão 10 modalidades esportivas. Eles ganharão mais saúde e qualidade de vida e a sua empresa mais alegria e produtividade.

Informações:
 Gerência de Cultura Esporte e Lazer
 (91) - 4009-4933





CERPA REFORÇA O PDF

O PDF (Programa de Desenvolvimento de Fornecedores), da FIEPA, ganhou mais um importante parceiro. A CERPA – Cervejaria do Pará S/A firmou, no início de fevereiro, parceria com a federação, tornando-se a mais nova mantenedora do programa. A parceria foi firmada entre o presidente da FIEPA, José Conrado, e a presidente da indústria de bebidas, Helga Seibel (foto), que levou a diretoria da FIEPA para uma visita pelo parque industrial da empresa, no bairro da Pratinha, em Belém. Além da CERPA, também deverão se tornar mantenedoras do PDF o Sebrae-PA (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Pará) e a Unimed Sul do Pará, aumentando para 14 o número de empresas que mantém o programa.

Jovens aprendizes

Ter acesso ao mercado de trabalho, aperfeiçoar conhecimentos e desenvolver competências e habilidades são algumas das vantagens oferecidas pelo Programa Jovens Aprendizes, do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), que compõe o Sistema FIEPA no Pará. O Programa é destinado a jovens de 14 a 24 anos que estejam cursando entre a 8ª série do Ensino Fundamental e o 2º ano do Ensino Médio. Em parceria com as indústrias paraenses, o Senai indica aprendizes como forma de facilitar a procura por mão-de-obra qualificada, investindo na formação e capacitação de jovens que podem se tornar verdadeiros talentos dentro das empresas cadastradas no Programa. As empresas interessadas em firmar parceria com o Senai podem entrar em contato com a instituição pelo telefone (91) 4009-4767 / 4768.

CONSULTORES EMPRESARIAIS

O empresariado paraense ganhou uma boa opção para encontrar consultores capacitados em temas ligados ao dia-a-dia corporativo. Com o apoio do IEL (Instituto Euvaldo Lodi), da FIEPA, foi criado em Belém o primeiro IBRACEM (Instituto Brasileiro de Consultores Empresariais). As principais áreas atendidas pelos consultores do IBRACEM são qualidade, produtividade, saúde, gestão contábil, tributária e trabalhista, segurança do trabalho, meio ambiente, compensação tributária, entre outros. O IBRACEM está localizado no prédio sede da FIEPA. Contatos podem ser feitos pelos telefones (91) 8144-9915 / 8100-2700.

PROCEM EDIÇÃO 2009

Empresas paraenses estão cada vez mais em busca de qualificação e excelência em seus processos produtivos, por isso, o IEL, da FIEPA, está investindo mais no Procem (Programa de Certificação de Empresas). Para 2009, 60 empresas devem receber a certificação nos polos de Belém, Barcarena, Carajás e Tapajós. A certificação serve como um "selo de qualidade" e confere às empresas a garantia de aquisição de produtos e serviços de alta qualidade no mercado. O Procem tem o objetivo de capacitar, orientar e qualificar empresas paraenses baseando-se em três pilares: qualidade e produtividade, saúde, segurança e meio ambiente; contábil, tributária e trabalhista. As empresas interessadas podem procurar o IEL pelos telefones (91) 4009-4734/4711 ou pelos e-mails eliana@iel-pa.org.br e janete@iel-pa.org.br.

PARAENSES EM PORTUGAL

O CIN (Centro Internacional de Negócios), da FIEPA, levará a Portugal, entre os dias 19 e 22 de abril, empresários paraenses do ramo alimentício. O objetivo é visitar a Feira Internacional de Lisboa, a mais importante mostra alimentar e de bebidas da Península Ibérica. O evento, que acontece a cada dois anos, chega a sua 10ª edição e reúne mais de 1.000 expositores de todo o mundo. Em 2007, a feira registrou 34 mil visitantes e gerou 175 milhões de euros em negócios. A Missão Empresarial Alimentaria pretende expandir a relação comercial com o mercado luso. Atualmente, o Pará é o 11º estado brasileiro que mais exporta para Portugal e, com relação às importações, ocupa a 19ª posição, respondendo por apenas US\$ 66 mil. Os interessados em participar da Missão Empresarial Alimentaria Lisboa 2009 podem entrar em contato pelo telefone (91) 4009-4992 ou pelo endereço eletrônico cassandra@fiepa.org.br.



Exemplo de sustentabilidade

A indústria paraense continua dando bons exemplos de sustentabilidade. A Alunorte, maior refinaria de alumina do mundo, instalada em Barcarena, iniciou testes para pavimentar ruas da fábrica com blocos cerâmicos produzidos a partir da lama vermelha, principal resíduo do processo produtivo da alumina. A ideia é aproveitar o máximo possível de rejeitos, pois, além da lama vermelha, a cerâmica precisa também da argila. Para este primeiro teste, foram confeccionadas 7 mil peças, numa proporção de 80% de lama vermelha e 20% de argila, suficiente para a pavimentação de cerca de 90 metros quadrados. A avaliação inicial do material mostrou que a durabilidade e a resistência da cerâmica são superiores às do concreto, material tradicionalmente utilizado para o revestimento das ruas.

A VEZ DOS MÓVEIS

O setor moveleiro paraense deve marcar presença na 9ª edição da FIMMA BRASIL, maior feira profissional de fornecedores para as indústrias de madeira e móveis da América Latina, que será realizada no período de 23 a 27 de março, em Bento Gonçalves (RS). Segundo Neudo Tavares, presidente do Sindimóveis (Sindicato da Indústria de Marcenaria do Estado do Pará), um grupo de empresários ligados ao setor deve ir à feira para mostrar os produtos da indústria moveleira paraense e aproveitar para tentar fechar bons negócios. Recentemente, as empresas moveleiras do Pará conquistaram um importante contrato com a Seduc (Secretaria de Estado de Educação) para o fornecimento de 250 mil carteiras escolares para instituições da rede pública de ensino.



30 ANOS DE AMASA

A Amazonas Indústrias Alimentícias S/A – Amasa, do grupo japonês Nichirei, comemorou no início de fevereiro 30 anos de história no Pará, com direito a anunciar o incremento de 50% no capital social da empresa. Para 2009, esse valor deverá bater os US\$ 2 milhões, e será investido na modernização do parque industrial, instalado na Rodovia Artur Bernardes, em Belém. A Amasa trabalha diretamente no processamento de camarão que é pescado pelas cooperativas de pescadores da região. Ela beneficia a produção focando nas exportações. Cerca de 80% de tudo que é produzido na empresa vai para o mercado internacional.

MEMÓRIA DA INDÚSTRIA



Fundada em 1861, a Fábrica Freitas Dias é parte importante na história das primeiras iniciativas manufatureiras no Pará. Ela foi uma das pioneiras da atividade em Belém. O estabelecimento se destacava pela variedade e qualidade da sua produção: eram fabricados pregos e objetos de ferraria, carpintaria, funilaria e construção civil. Na foto da fábrica ao lado, tirada em 1902, a seção de carpintaria da sala de máquinas.

O Sebrae-Pa (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Pará) está desde janeiro sob nova direção. O diretor-superintendente empossado é Sebastião Miranda, de Marabá, a diretora técnica é Cleide Tavares e Vando Vidal assumiu o cargo de diretor administrativo-financeiro. Já o novo presidente do Conselho Deliberativo é o empresário Ítalo Ipojucan, que atua no segmento comercial de Marabá, no sudeste do estado. Ele substituiu o empresário Fernando Yamada.

Ipojucan, que é natural da Bahia, já exerceu a função de diretor industrial da ACIM (Associação Comercial e Industrial de Marabá) e foi diretor Financeiro do Consórcio Mantenedor do Plano Estratégico daquele município entre 2004 e 2005, quando assumiu a vice-prefeitura de Marabá, cargo que ocupou até o final de 2008. Até por ter construído parte de sua vida profissional longe das grandes capitais, o novo presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae-Pa é categórico ao afirmar que a instituição não pode concentrar investimentos em empreendimentos instalados em Belém. “O Sebrae tem atuação forte em todo o estado e as ações são igualmente distribuídas com foco nas demandas identificadas em campo e tecnicamente viáveis.”

Nesta entrevista à PARÁ INDUSTRIAL, Ipojucan fala dos projetos e dos desafios que a nova diretoria do Sebrae, que vai conduzir a instituição no biênio 2009/2010, terá de enfrentar para tornar as micro e pequenas empresas paraenses mais competitivas em um momento de crise financeira mundial. “A recomendação geral é cautela e prudência nas ações, planejamento e gestão”, diz.

PEQUENAS EMPRESAS, GRANDES POSSIBILIDADES

PARÁ INDUSTRIAL – Diante da retração dos investimentos provocada pela crise mundial, como o senhor acha que as micro e pequenas empresas devem se preparar para buscar o mercado internacional?

ÍTALO IPOJUCAN – Penso que além de investimentos na estrutura de logística de exportação, é necessário levar o conhecimento do processo operacional ao universo dos empresários de micro e pequenos negócios e, naturalmente prepará-los para tal, com transferência de know-how, tecnologia, etc. Em que pese o estado ter um relativo número de empresas que participam efetivamente desse nicho de mercado, grande parte ainda é refratária à cultura da exportação por receio ou desinformação. Assim, é necessário difundir e utilizar os serviços disponíveis, como os ofertados pelo próprio Sebrae, pela Apex (Agência Brasileira de Promoção às Exportações e Investimentos), bem como a estrutura do Departamento de Comércio Exterior, criada pelo governo do Estado, que presta assessoria completa aos interessados.

PARÁ INDUSTRIAL – Como as micro e pequenas empresas estão reagindo à retração da economia?

ÍTALO IPOJUCAN – A retração atinge o mercado produ-

tivo como um todo. Micro, pequenos, médios e grandes empresários estão amargando os efeitos dessa retração, que se verifica mais acentuada em estados potencialmente exportadores, como o Pará. As empresas têm divulgado medidas de contingenciamento de despesas, que vão da suspensão de investimentos previstos à demissão significativa de pessoal. Acredito que o que deve nortear as ações no momento é a cautela no processo de investimentos e comprometimento financeiro, planejando ações e priorizando o processo de gestão dos negócios.

PARÁ INDUSTRIAL – Muitos empresários acham que ainda falta qualificação para as micro e pequenas empresas conquistarem o mercado internacional. O senhor concorda com essa avaliação?

ÍTALO IPOJUCAN – Um conjunto de informações estatísticas referente ao desempenho das exportações das MPEs no estado, ainda em 2006, já colocava o Pará com a segunda melhor performance do país. Naquele ano, o Pará ocupava a 8ª colocação como exportador, com venda da ordem de US\$ 6,7 bilhões, com 534 empresas responsáveis pelo feito. Desse universo, 277 firmas entre micro e pequenos foram responsáveis por US\$ 70,3



É de suma importância conscientizar o grande investidor de que a interatividade com a comunidade será vital para o sucesso de um empreendimento. Uma iniciativa é efetivar empresários locais como parceiros do grande empreendedor.”

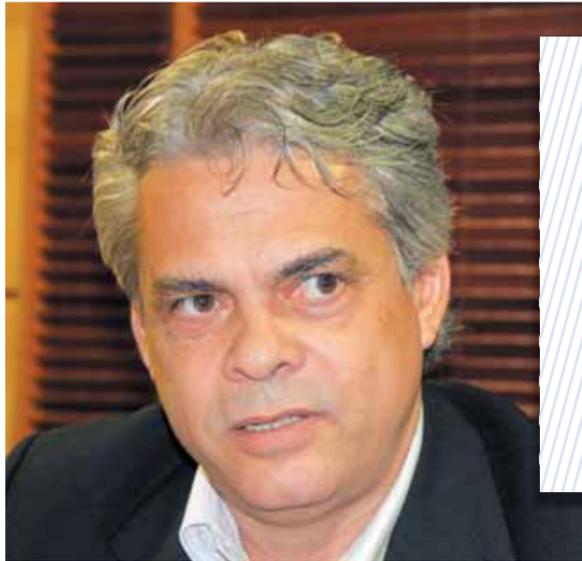
milhões em exportações, representando 51,9% do total de firmas exportadoras. Se observada a evolução desde 1998, o segmento acumulou um crescimento em sua participação no valor exportado da ordem de 37,7%. Isso demonstra que, historicamente, o segmento tem potencial exportador e quem se estabelece nesse mercado é porque tem competência e qualificação. Entretanto, acredito que existe potencial para ampliar significativamente o universo de empresas participantes dessa cultura

exportadora. Para isso é preciso orientação, que naturalmente passa pelo processo de certificação das empresas interessadas.

PARÁ INDUSTRIAL – Ainda há muito desconhecimento da população paraense em relação às potencialidades de suas micro e pequenas empresas?

ÍTALO IPOJUCAN – De certa forma, sim. Esse mercado pouco divulga seus resultados e potencialidades. Por ocasião das feiras e exposições é que a população acaba tendo melhor oportunidade de ter conhecimento da capacidade de produção e do universo que hoje é objeto de exploração econômica pelo segmento de micro e pequenos negócios. Essa constatação pode facilmente ser identificada nos resultados das feiras e exposições. Acredito que o micro e pequeno negócio poderia igualmente utilizar melhor a estrutura organizacional já estabelecida, como as federações e associações, de forma mais intera- ▶

FOTOS: MARCELO LEUS



A consultoria empresarial oferecida nos balcões do Sebrae é um dos elementos de apoio às micro e pequenas empresas, onde cada caso pode ser objeto de avaliação técnica e reunir informações para melhor auxiliar os processos de decisão."

tiva, trocando informações e priorizando meios de projetar de forma mais substancial suas ações, realçando sua importância no contexto econômico estadual.

PARÁ INDUSTRIAL – Uma das bandeiras de luta do setor produtivo é a concessão de incentivos fiscais para atrair os grandes investidores, que geram demanda para as micro e pequenas empresas paraenses. O que o senhor pensa em fazer para que as micro e pequenas empresas se tornem competitivas num mercado tão concorrido?

ÍTALO IPOJUCAN – Dinamizar o trabalho que, de certa forma, já está sendo desenvolvido pelas mais diversas instituições, que é dotar os empresários de micro e pequenos negócios de conhecimento de gestão e tecnologia. Outro item de suma importância, principalmente em novas fronteiras de crescimento econômico como é hoje o Pará, é conquistar espaço para negócios. É preciso conscientizar o grande investidor de que a instalação de um grande negócio em determinado local se constitui no estabelecimento de uma relação umbilical e de comprometimento com a comunidade, uma relação de troca permanente. Essa interatividade, essa cumplicidade, será vital para o sucesso do grande empreendimento. Um dos sinalizadores desse comprometimento é efetivar empresários locais como parceiros do grande empreendedor. O PDF, capitaneado hoje pela FIEPA, é um exemplo dessa busca, que alia a capacitação empresarial às oportunidades de ocupação de espaços ofertados por ocasião dessas implantações. Tem um longo caminho e de trabalho duro a ser percorrido. Se elegermos como prioridade a captura das oportunidades surgidas, com a efetiva realização de parcerias locais saudáveis, certamente o periférico dos gran-

des empreendimentos será de fato um excelente mercado para concretização desse projeto, que é verticalizar nossa produção oportunizando ao empresariado local a sua participação de fato nesse processo de desenvolvimento.

PARÁ INDUSTRIAL – Quais são os principais projetos que o senhor pretende realizar no biênio 2009/2010 no Sebrae?

ÍTALO IPOJUCAN – A equipe que compõe o Sebrae no Pará está alinhada para a execução do trabalho delineado no Direcionamento Estratégico para o período 2009/2015. Nesse sentido, a linha mestra da macro visão do Sebrae é promover a inovação e cooperação nas MPEs, conquistar e ampliar mercados, capacitar em gestão, em tecnologia e processos, ampliar a visibilidade institucional e fortalecer a imagem do Sebrae, atuar com excelência e transparência na aplicação dos recursos, promover a cultura do empreendedorismo e contribuir para o desenvolvimento territorial e dos sistemas produtivos locais, todos voltados para o foco nas MPEs.

PARÁ INDUSTRIAL – Alguns empresários afirmam que a atuação do Sebrae ainda está limitada a Belém. O senhor concorda?

ÍTALO IPOJUCAN – Totalmente equivocada a afirmação. O Sebrae tem atuação forte em todo o estado e as ações são igualmente distribuídas com foco nas demandas identificadas em campo e tecnicamente viáveis. Hoje, os projetos finalísticos em execução, cerca de 98, estão distribuídos pela extensão territorial do Pará, tendo à frente dessa dinâmica os escritórios regionais e suas equipes técnicas. O Sebrae está presente em dez municípios – Belém, Abaetetuba, Altamira, Capanema, Castanhal, Itaituba,

Marabá, Paragominas, Redenção e Santarém. São cidades estratégicas e polos regionais, que dão suporte à extensão das ações Sebrae nas cidades do entorno.

PARÁ INDUSTRIAL – E como aumentar a capilaridade no interior?

ÍTALO IPOJUCAN – Diversos produtos oferecidos pelo Sebrae enfatizam seu permanente projeto de desenvolvimento das micro e pequenas empresas no estado, como é o caso da Incubadora Gerencial, que oferece às empresas, assistência gerencial através de consultoria, primando pelo aperfeiçoamento da gestão; o Sebraetec, que tem o objetivo de criar condições para que os pequenos tenham acesso à inovação tecnológica; a Feira do Empreendedor, um dos produtos do Sebrae que propicia o desenvolvimento de políticas de apoio comercial e marketing para micros, pequenos e novos empreendedores. Aliado a produtos como esses, quase uma centena de projetos finalísticos em execução primam pelo desenvolvimento do setor em todo o estado do Pará, projetos em áreas como apicultura, madeira e móveis, leite e derivados, mandiocultura, produção orgânica de cacau, cadeia do açaí, hortaliças, fruticultura, gemas e jóias, confecções e acessórios, empreendedor rural, moda mix, Moda Pará, desenvolvimento de bares e restaurantes, soluções em tecnologia, construção, melhoramento apícola, lan house, turismo e outros tantos mais.

PARÁ INDUSTRIAL – O orçamento do Sebrae para 2009 é suficiente para garantir um salto significativo na produtividade da instituição?

ÍTALO IPOJUCAN – O orçamento anual do Sebrae para 2009 é da ordem de aproximadamente R\$ 45 milhões, e como o planejamento é uma máxima dentro do sistema, é natural que a produtividade e os resultados previstos

nos objetivos estratégicos locais estejam assegurados.

PARÁ INDUSTRIAL – É o bastante para enfrentar a crise?

ÍTALO IPOJUCAN – A palavra crise já diz tudo. Um mundo de incertezas, interrogações em todas as direções e para isso não existe receita ou fórmula milagrosa. A recomendação geral é cautela e prudência nas ações, planejamento e gestão. A consultoria empresarial oferecida nos balcões do Sebrae é um dos elementos de apoio, onde cada caso pode ser objeto de avaliação técnica e assim reunir informações para melhor consubstanciar e auxiliar os processos de decisão.

PARÁ INDUSTRIAL – Quais os principais desafios para garantir o desenvolvimento das micro e pequenas empresas no Pará?

ÍTALO IPOJUCAN – Sem dúvida nenhuma, perseguir e atingir as prioridades estabelecidas pelo sistema Sebrae: intensificar a atuação institucional do sistema, visando à melhoria do ambiente das MPEs; articular políticas públicas, voltadas para o desenvolvimento MPEs; facilitar a ampliação do acesso e redução dos custos financeiros; estabelecer alianças estratégicas para mobilizar recursos; promover a educação empreendedora e a cultura da cooperação; promover o acesso à tecnologia e ampliação da capacidade de inovação; revolucionar o atendimento individual, ampliando escala e melhorando qualidade; aprimorar e intensificar o atendimento coletivo; promover acesso a mercados interno e externo; buscar excelência nos padrões de desempenho Sebrae; elevar o nível de desempenho e comprometimento dos recursos humanos; consolidar e aprimorar a gestão estratégica orientada para resultados e o fortalecimento do sistema é a garantia de que o ambiente das MPEs estará sempre amparado e terá ao seu lado um parceiro estratégico. ■



Promover o acesso à tecnologia, ampliar a capacidade de inovação e aprimorar a gestão estratégica orientada para resultados são algumas garantias de que o ambiente das MPEs estará sempre amparado."





OS EMERGENTES DA BALANÇA

Soja e o boi vivo incrementam exportações e viram destaques na balança comercial paraense. É a vez dos produtos não tradicionais



13,54%

CARNES DE BOVINOS
Esta foi a alta experimentada pelo setor em 2008. Os frigoríficos vêm aumentando sua participação na balança

40,23%

BOVINOS VIVOS
O crescimento das exportações no último ano é reflexo do incremento das negociações com a Venezuela

199,60%

SOJA
A demanda internacional e o preço baixo impulsionaram a exportação dos grãos, que garantiram pouco mais de US\$ 55 milhões para o estado

O Pará se notabilizou nas últimas décadas por ser um estado eminentemente exportador. Sem demanda interna para aproveitar a sua produção e nem estrutura para verticalizá-la, o estado passou anos comercializando para outros países produtos como a borracha, pimenta e algodão. Hoje, apesar de já internalizar parte da sua produção, o Pará ainda tem na exportação o principal vetor da sua economia. Só que há algo diferente neste cenário. Os itens que por anos impulsionaram o desenvolvimento econômico estadual sofrem com a desaceleração das exportações paraenses. Agora, os produtos que ganham destaque são os chamados não tradicionais.

Na série anual da balança comercial de 2008, a soja e o boi vivo registraram crescimento expressivo

no valor exportado. O primeiro cresceu quase 200%, enquanto o boi alcançou alta de 40,23%. Este fenômeno pode ser explicado pela negociação entre Pará e Venezuela, que posicionou o país andino como o maior consumidor de boi vivo paraense, passando o Líbano. Em 2007, as compras do boi vivo pela Venezuela somaram um valor superior a US\$ 110 milhões e naquele ano já ultrapassavam as vendas para o Líbano, que registraram US\$ 49 milhões. Com relação à soja, a tendência de crescimento se dá, analisa Raul Tavares, gerente do CIN (Centro Internacional de Negócios) da FIEPA, graças ao alto consumo mundial do produto, que ganha destaque em mídia internacional pelos seus benefícios na alimentação e pelo preço mais baixo se comparado à carne de boi. “Além do alto

consumo mundial, o crescimento das exportações da soja pelo estado também se justifica pelo fato de que muito do que é exportado por aqui está vindo de outros estados, como o Mato Grosso, o maior produtor de soja do Brasil. Ou seja, nem tudo que é exportado é produzido no estado. O Pará está escoando uma boa parte da produção da soja brasileira”, afirma Tavares.

Mesmo com o crescimento significativo, a soja ainda tem uma participação tímida na economia paraense. As exportações do produto renderam “apenas” US\$ 55 ▶

milhões. Por outro lado, a madeira, apesar da tendência em queda, registrou um valor exportado de US\$ 631 milhões, cerca de doze vezes maior que as vendas do grão.

Além do desempenho relevante dos produtos não tradicionais, a balança comercial paraense de 2008 continuou registrando a tendência de crescimento das exportações dos produtos minerais. Enquanto em 2007 as vendas do minério paraense fecharam o ano dominando 80% da pauta de exportação, em 2008 a hematita, o manganês, o alumínio, o ferro-gusa e outros minérios impulsionaram a economia paraense, e passaram a responder por 85,15% das exportações. Estes dados reafirmam o perfil do Pará como um estado eminentemente minerador. Nos últimos dois anos as vendas do produto mineral cresceram 42%, alcançando um valor exportado superior a US\$ 9 bilhões. “Não podemos negar

nosso potencial minerador. Somos um estado que exporta, basicamente, produtos minerais. O problema é que, como a maioria é commodities, sofremos com a volatilidade do câmbio, gerando instabilidade na economia local”, explica Raul Tavares.

A balança comercial de 2009 só será fechada em aproximadamente dez meses, mas desde já é possível fazer algumas previsões. As exportações do primeiro semestre deste ano tendem a ficar abaixo das registradas no ano passado. Em razão da crise econômica mundial, de outubro de 2008 a janeiro deste ano a economia paraense apresentou uma expressiva queda em suas exportações. No último ano, 38 empresas exportadoras fecharam as portas ou inverteram a lógica comercial, focando o mercado interno.

Segundo dados do CIN, o setor madeireiro foi o mais impactado pelas baixas nas exportações. “Falando de uma forma genérica, podemos apontar as dificuldades de âmbito interno como os entraves que atrasam e dificultam as exportações do setor madeireiro. Dentre essas dificuldades, temos a burocracia e o atraso das expedições das licenças ambientais”, analisa o diretor executivo da Aimex (Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Estado do Pará), Justiniano Netto.

O setor já vinha sofrendo antes da crise, especialmente pela demora do governo estadual em liberar planos de manejo, porém com o atual cenário econômico, a situação das empresas ficou mais complicada.

“Vamos sentir a ‘temperatura’ a partir de março, quando inicia o verão europeu e as compras mundiais aquecem o mercado”, fala o diretor da Aimex. Mesmo com expectativas tímidas para o setor, Netto prevê que ações programadas para este ano, como a Feira da Madeira e o Pacto pela Madeira Legal, suavizem a retração da atividade madeireira. “Em 2008 tivemos uma redução de 50% nas demandas. Esperamos que para este ano, a redução das demandas seja de apenas 15%. Esta é a nossa expectativa. Com uma possível alta nas demandas, teremos uma alta na produção, aquecendo ainda mais a economia do estado”, conclui. ■



BALANÇA COMERCIAL 2007 | 2008

OS LÍDERES DAS EXPORTAÇÕES

As vendas de produtos não tradicionais apresentaram alta expressiva em 2008, mas os minerais ainda lideram com folga a pauta de exportações. Veja ao lado os valores referentes ao período de janeiro a dezembro de 2008

	2008	US\$ MIL FOB
Hematita	3.840.796.147	
Alumina e óxidos	1.351.995.623	
Alumínio e derivados	1.086.560.520	
Ferro-gusa	898.023.504	
Minério de cobre	688.560.069	
Madeira	631.240.451	
Manganês	579.254.804	
Bovinos vivos	358.787.870	

ACIMA DA MÉDIA

Enquanto as exportações apresentam tendência de queda, as importações paraenses cresceram 58,22% nos últimos dois anos, ficando acima da média brasileira, que foi de 43,59%. “Nossas importações foram estimuladas pela então desvalorização do dólar frente ao real, o que facilitou aos nossos empresários importarem tecnologia e maquinário de outros países. Isso é bastante benéfico ao estado, pois moderniza os nossos parques industriais, colocando-os no mesmo nível de competitividade dos países desenvolvidos”, explica Raul Tavares, gerente do CIN. Em 2008, as importações registraram o valor histórico superior a US\$ 1 bilhão, o que representou uma variação positiva de quase 60% se comparado a 2007. Com o incremento das importações, aumenta a necessidade da implantação do corredor do comércio exterior paraense, de um pátio de contêineres e da expansão e reforma do porto de Belém. Sem uma política direcionada às importações, o Pará perdeu 43% do pouco mais de US\$ 1 bilhão do valor importado, já que grande parte dos produtos importados vêm por intermédio de outros estados, que possuem portos melhor equipados e custos operacionais mais baratos.

OS LÍDERES DAS IMPORTAÇÕES

O Pará registrou em 2008 o recorde de US\$ 1 bilhão em importações. Veja abaixo a relação dos produtos de outros países mais consumidos. Os valores são referentes ao período de janeiro a dezembro de 2008

	2008	US\$ MIL FOB
Químicos e inorgânicos	203.393.354	
Carregadoras e escavadoras	200.388.066	
Combustíveis minerais	184.123.735	
Automóveis e tratores	74.728.581	
Material elétrico	61.445.272	
Pneus e correias transportadoras	60.868.330	
Trigo	43.807.844	
Ferro fundido e aço	34.260.426	

O Pará vai à China

Empresários vão conhecer a fundo o país que vem se estabelecendo como uma das superpotências mundiais

Os chineses comemoram em 2009 o ano do boi, que segundo a tradição oriental está sempre desafiando seus próprios limites. Já os brasileiros, assim como os outros parceiros comerciais da China, não têm muito o que comemorar. Eles esperam que o tal boi chinês atraia a vaca magra – abatida em tempo de crise – e a engorde, dando a ela condições para ultrapassar limites e impulsionar novamente a economia brasileira para uma tendência de crescimento.

De acordo com dados do CIN (Centro Internacional de Negócios), da FIEPA, a China é o terceiro maior comprador de produtos genuinamente paraenses. De 2007 para 2008, as importações chinesas aumentaram 43,77%, e tendem a crescer. “Os chineses são os maiores consumidores mundiais. Temos amplas possibilidades de expandir nosso mercado”, ressalta o gerente do CIN, Raul Tavares, lembrando que o Pará é o sétimo estado brasileiro que mais exporta para a China. Enquanto que em 2007 o Pará lucrou US\$ 877.430.827 com as exportações para aquele país, no ano passado, o valor superou a cifra de US\$ 1 bilhão.

Com o objetivo de consolidar a parceria Pará-

China e expandir o mercado exportador paraense, a FIEPA promoverá, em abril deste ano, a 1ª Missão Empresarial da instituição, que marchará rumo ao oriente para participar da maior feira multissetorial do mundo, a Feira de Cantão. Nesta primeira visita à feira, os empresários paraenses, além das negociações, deverão fazer uma prospecção do mercado para compreender o ritmo e analisar a viabilidade das transações comerciais, a fim de que, no futuro, o Pará também esteja representado em estandes na Feira de Cantão. “A visita à feira possibilitará abrir um ‘link’ para a entrada de nossos produtos no mundo, consolidando nossas exportações e a economia paraense”, comenta o empresário do ramo alimentício Paulo Afonso Costa, que faz parte da Missão FIEPA.

Basta olhar para o poderio econômico da China para concluir que estreitar os laços com os chineses pode ser um prato cheio para os paraenses. A título de comparação, enquanto o crescimento do PIB brasileiro atingiu 5,4% em 2007, o chinês teve quase o triplo - avançou 13%. Se a tendência de crescimento permanecer mesmo durante a crise, especialistas econômicos



PONTO DE PARTIDA

A Missão Empresarial será composta por empreendedores instalados no Pará com interesse em estreitar laços comerciais com a China. A viagem, que está prevista para abril de 2009, deve durar cerca de 23 horas. A distância entre os países ultrapassa os 17 mil km (em linha reta).

PONTO DE CHEGADA

A China já recebeu missões empresariais das federações da indústria de Santa Catarina, Ceará, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Representantes destes estados já visitaram a Feira de Cantão, expandindo e consolidando as negociações com a superpotência asiática.



• Estande brasileiro instalado na Feira de Cantão: em sua última edição, evento reuniu mais de 22 mil expositores

avaliam que isto será positivo para o Brasil, em especial ao Pará. “Um dos grandes compradores dos nossos bens primários, de nossas commodities, é a China”, analisa Raul Tavares.

A China é uma grande consumidora do ferro paraense. No ano passado, cerca de 25% (US\$ 953 milhões) de toda a produção de ferro foi exportada para os chineses, e a expectativa dos produtores do estado é que o consumo aumente neste ano, graças ao programa de obras públicas de US\$ 586 bilhões anunciado no início de 2009 pelo governo chinês. Somente para as ações de construção e melhoria da rede ferroviária, a China prevê um orçamento de US\$ 87 bilhões.

De olho neste filão, as federações da indústria de Santa Catarina, Ceará, Mato Grosso e São Paulo já visitaram a Feira de Cantão, expandindo e consolidando as negociações com a superpotência asiática. ▶

MAIOR FEIRA DO MUNDO

Somente no ano passado, a Feira de Cantão – que acontece três vezes ao ano, na cidade de Guangzhou, um importante polo industrial da China – movimentou mais de US\$ 31 bilhões em negociações, com compradores de 213 países, e registrou a participação de 174.562 visitantes. O evento superou a feira de Hannover, na Alemanha, tornando-se a maior feira multissetorial do mundo. Na edição passada, o evento reuniu em um espaço de 851 mil m² mais de 42 mil estandes, com uma diversidade de 150 mil tipos de produtos e 22.341 expositores (21.917 nacionais e 424 internacionais). “O número de estandes é maior que o de expositores, pois existem muitos empresários que expõem seus produtos em mais de um estande”, explica Heitor Fiorotto, coordenador de viagens internacionais da China Trade Center, empresa que promove o intercâmbio comercial entre a China e o Brasil. Durante as três fases do evento são apresentados 35 segmentos diferentes de produtos. Somente na primeira fase - quando a Missão FIEPA estará na China -, serão ofertados 12, dentre eles autopeças, motocicletas, produtos químicos, ferramentas, material de construção e decoração e eletrônicos. Os empresários paraenses que acompanharem a Missão Empresarial da FIEPA poderão apresentar seus produtos na feira dentro do estande da China Trade, a custo zero.

A TERCEIRA MAIOR SUPERPOTÊNCIA MUNDIAL

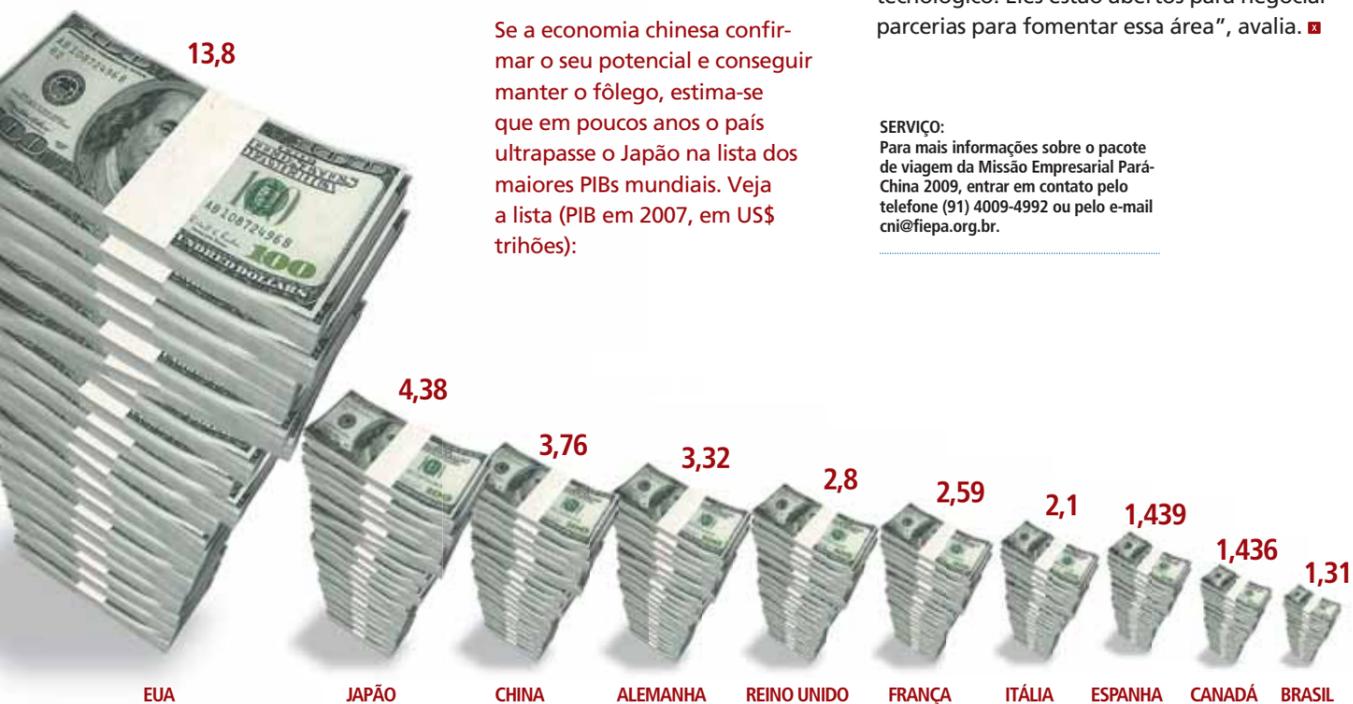
A civilização chinesa é uma das mais antigas do mundo. Responsável por invenções que ajudaram o desenvolvimento do mundo oriental e ocidental como a bússola, o papel e a pólvora, o país asiático teve que fechar suas fronteiras e construir a Grande Muralha para proteger-se de invasores e das guerras que assolaram o mundo nos séculos passados.

Diferente do muro de Berlim, que teve de cair para "capitalizar" a Alemanha socialista, a China não precisou destruir as rochas que sustentam a muralha para abrir seu mercado e inserir-se no mundo globalizado. O monumento continua no mesmo lugar, porém a economia chinesa sofreu uma invasão do capital estrangeiro, que superou as barreiras e, juntamente com o potencial daquele país, fez da China uma superpotência mundial.

O país asiático superou a Alemanha, tornando-se a terceira maior economia do mundo. Com um PIB (Produto Interno Bruto) de 3,764 trilhões de dólares, a China só perde para as superpotências americana e japonesa.

FRANCA ASCENSÃO

Se a economia chinesa confirmar o seu potencial e conseguir manter o fôlego, estima-se que em poucos anos o país ultrapasse o Japão na lista dos maiores PIBs mundiais. Veja a lista (PIB em 2007, em US\$ trilhões):



FONTE: FMI E ESCRITÓRIO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS DA CHINA

COMÉRCIO EM EXPANSÃO

Além da consolidação e expansão das exportações à China, o Pará experimenta o aumento das importações. Nos últimos três anos, as compras de produtos chineses aumentaram 253%. Enquanto em 2006 as importações registravam US\$ 16 milhões, no ano seguinte o valor saltou para US\$ 42,5 milhões e, em 2008, atingiu a marca de US\$ 58,9 milhões.

Com a Missão Empresarial, espera-se favorecer as importações de tecnologias e garantir a expansão da indústria paraense, além de abrir novos mercados e parcerias.

De acordo com o gerente de negócios da China Trade, Aldenizio Bezerra, as áreas que mais despertam interesse dos países parceiros dos chineses são a informática e tecnologia. "Os centros de tecnologia e as pesquisas na área da aerotecnologia estão despertando cada vez mais interesse por parte daqueles que visitam a China. Os chineses estão bastante interessados no intercâmbio tecnológico. Eles estão abertos para negociar parcerias para fomentar essa área", avalia. ■

SERVIÇO:
Para mais informações sobre o pacote de viagem da Missão Empresarial Pará-China 2009, entrar em contato pelo telefone (91) 4009-4992 ou pelo e-mail cni@fiepa.org.br.

ARTIGO
Sidney Rosa

1º vice-presidente do Sistema FIEPA (Federação das Indústrias do Estado do Pará)



DEVEMOS NOS ESPELHAR NOS CHINESES

Assim que concluí minha faculdade de administração, em 1978, chamou minha atenção um fenômeno novo, cujo início coincidia exatamente com o momento em que o mundo assistia a grande mudança de paradigma na China comunista. Surpreendentemente, o país trocava de visão. Enriquecer tornara-se motivo de honra, estimulando todos os chineses a buscar melhoria na condição social de cada um. Era quase uma competição. Apesar disso, estranhamente a China continuava comunista. Difícil de qualquer um entender. Por isso chamava logo a atenção. Em 2008, pude realizar um sonho antigo: conhecer a China. Fui pela primeira vez em abril. De tão maravilhado, retornei em outubro, desta vez levando comigo minha filha, para que ela pudesse, ainda na juventude, perceber a transformação no país (a maior da história da humanidade, na minha visão).

Conhecendo as feiras, empresas, mercados, Pequim e várias outras cidades, depois das duas viagens, chego à conclusão de que os chineses têm um projeto nacional, conhecido e executado por todos, que tem como objetivo central propiciar a emancipação social de cada cidadão. E essa emancipação se resume a uma frase: oportunidade de emprego. Ao priorizar o emprego como projeto nacional, a China produziu nos últimos 30 anos a maior inclusão social da história da humanidade, com mais de 300 milhões de chineses que vieram da miséria para o mercado de trabalho, provocando a demanda por novos consumidores, que impulsiona novos empregos. Um verdadeiro ciclo virtuoso.

No Brasil, lamentavelmente não temos um projeto nacional. Aqui, cada governante tem suas metas e o direito de fazer o que bem entende. Não temos a compreensão que, por mais partidos políticos que temos, não poderíamos iniciar um Brasil novo a cada mandato, especialmente porque nem nas próprias equipes de governo há concordância mínima sobre as metas. Isso sem falar da exclusão participativa do congresso, governos regionais e, sobretudo, das entidades empresariais e de trabalhadores na escolha do projeto nacional.

Na China, há planos quinquenais e decenais. Inde-

pendente de quem esteve na chefia de governo, o rumo continua o mesmo, variando minimamente em função do estilo do novo mandatário. Chego a quatro fatores que muito nos distanciam dos chineses:

- 1) O custo de mão-de-obra chinesa, apesar de ter subido muito nos últimos anos, é hoje ainda oito vezes mais barata que a nossa;
- 2) A carga tributária deles representa menos da metade da nossa (16% do PIB), mesmo mantendo vultosos investimentos governamentais. Já aqui, pagamos 39% do PIB e, infelizmente, quase nada volta em investimentos;

Os chineses têm um projeto nacional, conhecido e executado por todos, que tem como objetivo central propiciar a emancipação social de cada cidadão por meio da geração de emprego

- 3) A China possui uma invejável logística, com estradas, ferrovias, portos, aeroportos, hidrovias e infraestrutura compatível para que o país possa produzir, importar e exportar;

- 4) Os chineses têm escala de produção em tudo que fabricam. Enquanto aqui fazemos milhares de peças, lá, fazem milhões. Além disso, lá o maior objetivo é empregar o maior número possível de pessoas, ocasionando produtos com os menores custos, impossíveis de encontrar concorrentes no mundo inteiro.

Por estas comparações podemos ver a dianteira que tem a China sobre o Brasil, mesmo levando em conta que há 40 anos tínhamos relativamente o mesmo PIB e outros similares parâmetros. Mesmo crescendo a média de 2,3% ao ano, nada significamos frente aos mais de 10% crescidos continuamente pela China nas últimas três décadas.

Para nós, paraenses, fica então o desafio: como faremos para delegar aos nossos filhos o Pará não apenas que sonhamos, mas que efetivamente podemos e devemos produzir? Um dos caminhos é fortalecer nossas entidades de classe para buscarmos pelo menos um projeto para o nosso Estado. É um dos primeiros passos para conseguirmos o sonhado projeto nacional de Brasil. ■

O lado nobre do lixo eletrônico

Empresas mostram que é possível transformar aquele computador antigo, que ia para a lixeira, em um objeto muito útil para a sociedade

Vivemos um período de inúmeros avanços tecnológicos, em que para alguns é inimaginável viver sem um computador ou aparelho eletrônico. A dependência tecnológica chega ao ponto de algumas pessoas perderem um dia de trabalho caso o computador usado no dia-a-dia dê problemas. Uma situação dessas pode significar improdutividade. E o pior: decretar o fim do aparelho. Muitas vezes não se trata de mandar para a lixeira a máquina que não funciona mais. É uma questão de estar antenado com a modernidade. A necessidade de inovações fala mais alto, o que pode aumentar um problema que já é realidade nas grandes empresas: o acúmulo de lixo tecnológico.

Segundo a organização não governamental Greenpeace, 50 milhões de toneladas de sucata eletrônica são descartadas por ano no

mundo. Um número preocupante, principalmente pelo fato de que aterros sanitários e lixões são os destinos de quase todo esse lixo eletrônico, e estes locais geralmente não são adequados para receber este material. Para quem não sabe, produtos eletrônicos como telefones celulares, baterias, computadores, equipamentos de áudio e vídeo, além dos eletrodomésticos, possuem substâncias altamente tóxicas – como chumbo, antimônio, arsênio, mercúrio e cádmio –, que, em contato com o lençol freático, provocam a contaminação do meio ambiente. Já em relação aos seres humanos, esses materiais podem causar problemas sérios ao sistema nervoso.

Em Belém, poucas empresas dão destinação correta ao lixo tecnológico. Entre elas está a Sol Informática. De acordo com o gerente comercial da loja, Alisson Barros, quem está atolado de equipamentos sem uso possui três opções para um descarte sem agressão ao meio ambiente. A primeira delas é entregá-los ao fabricante, se esse tiver um programa específico para isso - o que não é o caso da maioria das companhias. A segunda alterna-

tiva é vender e a última opção é doar para alguma organização não governamental, como o CDI (Comitê de Democratização da Informática), que recebe máquinas usadas para montagem de escolas de informática. “Quando conhecemos o trabalho desenvolvido pelo CDI, descobrimos uma solução, pois o que é lixo para uns pode ser instrumento de inclusão social e de aprendizagem para comunidades carentes”, explica Alisson.

Um dos maiores agravantes do problema “lixo eletrônico” é o fato de o Brasil ainda não possuir uma legislação específica que regule a destinação desses materiais sem uso

De acordo com Alcir Moraes de Souza, coordenador geral do CDI no Pará, é importante conscientizar as pessoas sobre a existência de alternativas viáveis para os objetos sem uso. “Com esses equipamentos, estamos implementando programas educacionais e garantindo o acesso à informática de comunidades

excluídas pela sociedade e distantes dos centros urbanos. Esse trabalho já existe no estado desde 2000”, afirma. Ainda segundo Alcir, 34 EICSs (Escolas de Informática e Cidadania) foram criadas em parceria com indústrias como a Albras, Alunorte, Cadam-PPSA, Vale e instituições de ensino como o Cesupa (Centro de Ensino Superior do Pará), que doaram computadores, contribuindo para a formação de mais de 20 mil ▶



FOTOS: DIVULGAÇÃO/CDIPA

O QUE ERA ENTULHO...

O lixo tecnológico é uma realidade nas empresas e até mesmo nos lares. Segundo o Greenpeace, 50 milhões de toneladas de sucata eletrônica são descartadas por ano no mundo.



...VIROU INCLUSÃO DIGITAL

Uma boa alternativa para os produtos eletrônicos que não atendem mais às expectativas pode ser a doação. Existem entidades que aproveitam os equipamentos para atender comunidades carentes.





alunos. “Este ano, outros 1.000 alunos estão em formação. Para cada computador doado, de 60 a 80 pessoas da comunidade se formam por ano”, finaliza.

Um dos maiores agravantes do lixo eletrônico é o fato de o Brasil ainda não possuir uma legislação específica que regulamente a destinação desses materiais sem uso. Tudo fica a critério das próprias empresas que o produzem e dos próprios consumidores.

Segundo Deryck Martins, secretário executivo do CTMA (Conselho Temático do Meio Ambiente) da FIEPA, a partir de março deste ano, a federação vai lançar um sistema integrado de bolsa de resíduos, em parceria com a CNI (Confederação Nacional da Indústria), que funcionará em um website específico. Ou seja, as indústrias poderão transformar o seu problema do lixo em novas oportunidades e investimentos, estimulando o surgimento de negócios que utilizem o princípio dos 3R (Reuso – Reciclagem - Redução) no processo produtivo.

“Na prática, a bolsa de resíduos que será mantida pela FIEPA vai proporcionar através da internet um espaço para negociação entre as empresas não só do estado, mas de todo o país, para compra e venda dos diversos tipos de resíduos industriais como fonte de matéria-prima ou insumo, sejam eles lixo industrial, doméstico, agrícola, comercial, dentre outros”, explica Deryck. ■

PENSE BEM

Antes de jogar no lixo, veja os perigos que os aparelhos podem causar:



COMPUTADOR: um PC comum carrega cerca de 2 kg de chumbo e, se descartado de forma incorreta, pode causar danos ao sistema nervoso e à circulação sanguínea se entrar em contato com seres humanos. O mercúrio, também presente em equipamentos eletrônicos, pode afetar gravemente o cérebro. Já o cádmio pode causar envenenamento.



CELULAR: além do chumbo, traz o arsênico, uma substância que pode afetar o sistema digestivo e causar doenças nos pulmões, coração, fígado, entre outros órgãos.



TELEVISÃO: assim como computadores e celulares, possui chumbo, só que em grande quantidade (cerca de 8 kg), além do mercúrio, comum em aparelhos LCD.

ATITUDE CIDADÃ

Você quer trocar seu computador ou celular por outro mais moderno, mas não sabe o que fazer com os antigos? Se a resposta for sim, veja essas dicas que todo cidadão consciente deveria seguir antes de comprar um novo equipamento:

1 POTENCIALIZE: mantenha uma relação utilitária, e não consumista, com a tecnologia. Antes de pensar numa nova compra, cogite recondicionar seu computador. Descarte-o apenas se ele não atende mais às suas necessidades e nem vale a pena adaptá-lo para essa finalidade. Quanto mais trocas, mais lixo.

2 DOE: em caso de mudança de equipamento, destine o antigo para quem realmente vá usá-lo ou para instituições sociais que trabalham com inclusão digital. No Brasil, 55% da população acima dos 10 anos jamais acessaram um computador. O que se tornou inútil para você pode fazer a diferença para milhões de pessoas.

3 PONHA NA BALANÇA: ao adquirir um outro computador, lembre-se de que todo consumo causa impacto no meio ambiente. Prefira as máquinas que agregam várias funções, pois consomem menos energia, e os chamados produtos verdes de maneira geral. Ainda que um pouco mais caros, eles são ecologicamente corretos.

4 REJEITE IMITAÇÕES: evite comprar produtos de empresas que dão uma garantia muito pequena e não demonstram qualquer sentido de responsabilidade social. E fique longe dos produtos falsificados, produzidos sem qualquer preocupação ambiental.

5 INFORME-SE: procure saber se o fabricante do computador ou outro eletrônico que você deseja comprar possui alguma certificação da série ISO 14.000. Isso indica que a empresa tem um sistema de gestão ambiental, garantindo a responsabilidade ambiental de seus produtos e serviços.

6 ECONOMIZE: sempre que se ausentar de casa ou não for usar o computador, mantenha-o desligado. E reduza a impressão sempre que puder, evitando gastos de tinta e papel. Lixo tecnológico, preservação ambiental e eficiência energética tornaram-se questões indissociáveis.

7 MOBILIZE: ajude a disseminar os benefícios do consumo equilibrado e do descarte apropriado para a qualidade de vida e do meio ambiente. Afinal, o que você retira de sua casa ou do seu escritório e joga fora, não desaparece — só muda de lugar, prejudicando a todos, num efeito cascata.

8 SAIBA MAIS: entenda como se dá uma verdadeira reciclagem de computadores, processo de alta complexidade e custo, mas que representa o único caminho seguro contra riscos e danos. Esse conhecimento pode ser útil no sentido de reivindicarmos imediatamente uma legislação específica para essa atividade e de possibilitarmos que mais empresas no Brasil a pratiquem.

9 PARTICIPE: leia, reflita e entre nas discussões sobre o lixo tecnológico. Esse debate está estreitamente vinculado à sustentabilidade do planeta e não pode mais ser adiado. É hora de buscarmos soluções reais para esse grande desafio.

10 COMECE POR VOCÊ: torne-se um consumidor consciente em tempo integral, através de ações afirmativas que inspirem outros a seguir o exemplo. Nada é mais poderoso do que um indivíduo atuando para a mudança social e fomentando a criação de uma consciência coletiva.



CONECTADO À INFORMAÇÃO

Crianças que frequentam Escolas de Informática e Cidadania: para cada computador doado, até 80 pessoas de comunidades se formam por ano.

SERVIÇO
Para saber mais informações sobre a bolsa de resíduos que será lançada pelo CTMA (Conselho Temático do Meio Ambiente) da FIEPA, entre em contato pelo número (91) 4009-4900 ou pelo e-mail ctma@fiepa.org.br
Você se interessou em doar um computador usado ao Comitê de Democratização da Informática (CDI)? Para ajudar a mudar para melhor a realidade de muitas pessoas, ligue (91) 8124-7618 ou 4009-2140, ou entre em contato pelo e-mail cdi@cesupa.br.

É hora de fortalecer os sindicatos

Força, oportunidades, fraquezas e ameaças. Esta é a base de sustentação do planejamento estratégico do PDA, que pretende aumentar a representatividade sindical

“Não é possível prever o futuro, mas temos a possibilidade de construí-lo, de modificá-lo. Para isso, temos de pensar estrategicamente os nossos negócios”, ressaltou o consultor da CNI (Confederação Nacional da Indústria), Helder Mendes Ribeiro, durante o 3º módulo do Curso de Capacitação de Lideranças Sindicais, que apresentou metodologias do planejamento estratégico para sindicatos patronais, umas das propostas do PDA (Programa de Desenvolvimento Associativo). No mais recente módulo do curso de capacitação repassado aos sindicatos filiados a FIEPA, realizado em janeiro, os presidentes e secretários executivos das entidades debateram sobre ações estratégicas que estimulem suas forças e possibilitem novas oportunidades, afastando ameaças e reforçando pontos fracos. “O planejamento utiliza-se do conceito FOFA (Força, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) para implementar uma estratégia que poderá vir a trabalhar, prioritariamente, os pontos fracos, reduzindo-os, eliminando-os ou mesmo transformando-os em pontos fortes”, explica o consultor.

De acordo com Ribeiro, as ameaças, assim como as oportunidades,

também fazem parte da ambiência externa das instituições, e uma das estratégias mais inteligentes consiste em transformar essas ameaças em oportunidades. Para essa adaptação, o consultor revela ser fundamental a implementação do planejamento estratégico. “O planejamento estratégico é a arte de fazer o futuro. Isso não é vidência. Planejar estrategicamente é contar com as possibilidades que um determinado cenário poderá oferecer ao meu negócio. Diferente do modelo estratégico, o planejamento tradicional segue as tendências. Utilizar este planejamento tradicional ficou insuficiente em face das mudanças e das grandes transformações que têm ocorrido no mundo”, compara.

Já com base nos ensinamentos do curso e buscando alternativas para superar os entraves ao associativismo, o Sindirepa (Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado do Pará) desenvolverá ao longo deste ano a estratégia de descentralização administrativa. Serão implantadas nas regiões do estado pequenas estruturas sindicais que atendam diretamente as empresas situadas nos diversos municípios paraenses.



• O consultor da CNI, Helder Ribeiro, falou sobre as vantagens do planejamento estratégico



“Através dos serviços de ampliação da capacidade representativa dos sindicatos, o PDA estimula a atração de mais empresas para a base sindical, fortalecendo as entidades representativas.”

Ivanildo Pontes, diretor executivo da FIEPA



• Presidentes e secretários executivos de entidades: sindicato forte gera indústria forte

O grande desafio dos sindicatos é implementar as ferramentas de planejamento estratégico, que, na maioria dos casos, já são utilizadas nas empresas representadas pelas entidades sindicais. “A defasagem é o maior problema do ponto de vista estratégico para os sindicatos patronais. Dado ao mercado competitivo, as empresas se munem de ferramentas para desenvolver estratégias, porém, muitas vezes os sindicatos não têm

essa mesma disponibilidade”, avalia Ribeiro. Para o diretor executivo da FIEPA e coordenador regional do PDA, Ivanildo Pontes, é hora de construir bases fortes para que os sindicatos ofereçam bons serviços às indústrias. “Sem sindicato forte, não teremos indústrias fortes”, justifica.

A FIEPA, em parceria com a CNI, planeja desenvolver oito módulos do curso de capacitação de lideranças sindicais. ■

MAIOR VISIBILIDADE

Para o presidente do Sindirepa (Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado do Pará), André Luiz Fontes, a principal causa para a fragilidade das entidades sindicais é o desconhecimento sobre as ações das entidades de classe. No Pará, de acordo com o cadastro da Jucepa (Junta Comercial do Estado), existem 3.120 empresas do ramo de reparação em funcionamento, porém apenas 32 são sindicalizadas. “O desconhecimento da entidade sindical é o maior problema, o que contribui para a fragilidade do sistema. Acreditamos que ferramentas do PDA, como o site do sindicato, poderão superar esta barreira”, avalia o presidente do Sindirepa.

André Luiz destaca ainda a extensão territorial do estado como um entrave para o associativismo local. “Estamos num estado de grandezas continentais. Fica difícil ter uma única sede que cuide de todas as empresas espalhadas pelo Pará”, afirma.

Associativismo

Desenvolvido para aumentar a representatividade e a sustentabilidade dos sindicatos patronais, o PDA é flexível e consegue atender as demandas específicas das federações. Além do curso de capacitação, o programa também desenvolve ações nas linhas de planejamento e gestão (desenvolver softwares para a gestão sindical, estimular o planejamento estratégico dos sindicatos e otimizar as arrecadações das contribuições sindicais) e marketing associativo (criar novos canais para divulgação das ações e serviços do sindicato). “Através dos serviços de ampliação da capacidade representativa dos sindicatos, o PDA estimula a atração de mais empresas para a base sindical, fortalecendo assim as entidades representativas e modernizando os sindicatos”, diz Ivanildo Pontes, diretor executivo da FIEPA.

Incentivos fiscais

O setor produtivo quer gerar mais empregos e divisas para o Pará. O poder público também pode contribuir. Para começar, a saída é reativar a lei de estímulos à indústria

Há mais de dois anos, quando o STF (Supremo Tribunal Federal) julgou inconstitucional a Lei de Incentivos Fiscais existente no Pará, que vigora desde 2002, a FIEPA debate com o atual governo estadual o estabelecimento de novas medidas para incentivar a sustentabilidade do setor produtivo e seus diversos segmentos econômicos. Estímulos do poder público podem fazer a diferença para garantir a competitividade das indústrias instaladas no estado e contribuir para atrair novos investimentos que gerem emprego e renda para a população paraense.

Em novembro de 2008, as negociações começaram a surtir efeito. Houve consenso entre empresários e governo sobre as principais diretrizes para a concessão de incentivos. Esta concordância resultou em um projeto de lei, que foi aprovado pela Assembleia Legislativa do Estado. O projeto cria um novo formato de incentivos, perfeitamente legais, que já foi sancionado pela governadora Ana Júlia Carepa. Pelo documento, o governo estadual passará a oferecer incentivos financeiros para as empresas interessadas em se instalar em terras paraenses ou para aquelas que tenham planos de ampliar a produção no estado.

A base legal para a entrada em vigor dessa nova modalidade de incentivo foi assegurada pela Assembleia Legislativa, que aprovou o projeto do Executivo que modifica dispositivos da lei que dispõe sobre o Fundo de Desenvolvimento Econômico do Pará (FDE). “Apesar de os incentivos financeiros não serem o ideal, considerando as políticas agressivas praticadas pelos estados vizinhos (ver gráfico na página 29), mas eles são o instrumento que pode ser aplicado no momento, observada a segurança jurídica para dar ao Estado os mecanismos necessários e garantir a competitividade das empresas aqui instaladas e das novas que desejam empreender no Pará”, afirma o advogado Eduardo Klautau, assessor jurídico da FIEPA.

A concessão de incentivos financeiros já estava prevista na lei, em vigor desde 2002, que dispunha sobre a Política de Incentivos ao Desenvolvimento Socioeconômico do Estado do Pará, a chamada “lei de incentivos”, mas precisava ser aprimorada e regulamentada. A antiga lei, aprovada durante o governo Almir Gabriel, estabelecia que uma das formas de estimular o desenvolvimento era oferecer, além de incentivos fiscais, incentivos financeiros, sob a forma de empréstimo, em valor correspondente a até 75% do ICMS gerado pela atividade operacional do projeto ou de empresa do mesmo grupo empresarial já instalada no Pará, criando uma isonomia entre as empre-



“Os mecanismos que deverão servir de base ainda precisam ser claramente estabelecidos. Um exemplo disso é o prazo de carência, juros e amortização. Enfim, deixar claros que critérios serão adotados para a concessão de fato deste benefício.”

José do Egypto Soares Filho, assessor econômico da FIEPA

sas dos mesmos setores com interesse em gerar desenvolvimento socioeconômico para o estado. Agora, a FIEPA está esperançosa de que, com esta nova lei e com o firme propósito do estado de garantir a operacionalização, a concessão de incentivos seja retomada no Pará. Porém, antes de entrar em vigor, a lei ainda precisa ser regulamentada. “Os

mecanismos que deverão servir de base ainda precisam ser claramente estabelecidos. Um exemplo disso é o prazo de carência, juros, amortização. Enfim, deixar claro que critérios serão adotados para a concessão de fato deste benefício”, explica o economista José do Egypto Soares Filho, assessor econômico da federação.

Na prática, as empresas paraenses ainda estão sob a vigência do antigo modelo de incentivos fiscais, porém, o presidente da FIEPA, José Conrado Santos, acredita que as modificações propostas criam um clima de segurança ao empresariado. “Tivemos muitos prejuízos com a falta de incentivos fiscais. Desde que houve a declaração de inconstitucionalidade da política paraense de incentivos, há dois anos, o estado perdeu cerca de R\$ 1 bilhão em novos investimentos”, afirma. Ainda de acordo com Conrado, mais de 30 empresas procuraram a federação em busca de apoio para instalar suas plantas industriais no Pará. “Muitas delas desistiram à espera da definição dos incentivos. A dinâmica de mercado é célere, bem diferente da burocracia governamental. O nosso governo tem que atentar para essa realidade. Se o governo do Pará não é atrativo, outro estado é.”

No último mês de fevereiro, a governadora Ana Júlia Carepa anunciou um pacote de benefícios fiscais para as empresas paraenses. Um deles é a prorrogação do prazo de recolhimento do ICMS para o setor varejista. Outras ▶

medidas concedem tratamento isonômico aos produtos da cadeia produtiva do trigo, isentam de ICMS três produtos da cesta básica (batata, cebola e alho), desoneram a importação de produtos destinados aos setores florestal e siderúrgico e concede crédito presumido na saída interestadual de peixe. O porém é que esta medida vai vigorar apenas entre os meses de fevereiro e maio de 2009, como uma forma de conter os efeitos da crise mundial na economia.

De acordo com o presidente da FIEPA, o pacote é necessário, mas tardio, principalmente para o setor produtivo. “O pico de produção de praticamente todos os setores econômicos é dezembro. Além disso, o governo deveria avaliar melhor a especificidade de cada segmento econômico. As medidas na prática não representam ganho e nem vão significar aumento de produtividade”, afirma Conrado.

Com relação ao recolhimento do ICMS, Conrado avalia que a atual medida ainda não atende aos anseios do empresariado paraense. “Para se estabelecer uma política de recolhimento de imposto é preciso conhecer o comércio local. Aqui as vendas são feitas, em grande parte, a prazo, logo o pagamento vem a prazo. Recolher o ICMS em dois meses ainda não facilitará o desenvolvimento varejista e industrial do estado. Acredito que a melhor forma de se recolher o imposto é atrelá-lo ao parcelamento do bem, dando mais condições de preço ao comprador”, avalia.

A GUERRA FISCAL

Estados como São Paulo, Espírito Santo, Maranhão, Bahia, Alagoas, Ceará e Piauí chegam a conceder às empresas a isenção total de ICMS, redução da base de cálculo, diferimento e crédito presumido, tudo para atrair o investidor. A falta de uma reforma tributária federal mais consistente provoca a chamada “guerra fiscal”, ou seja, os estados competem entre si para atrair o maior número de investimentos. Vence aquele que consegue dar mais vantagem ao empreendedor.

PARÁ – O governo concede crédito presumido de até 75% sobre o ICMS para a agroindústria, além do diferimento para os setores florestal e pesqueiro. Um dos desafios é melhorar a infraestrutura para atrair novos empreendimentos.

GOIÁS – Historicamente, concede isenções de até 70% no ICMS para a agroindústria. Há pouco menos de dois anos, conseguiu atrair a fábrica da Perdigão.

BAHIA – O governo já deu isenção do ICMS, terrenos a preços simbólicos, construiu estradas e garantiu treinamento de mão-de-obra.

SÃO PAULO – Há alguns anos, em meio a disputas com Rio e Minas, reduziu a alíquota do ICMS para evitar a saída de empresas já instaladas ou cobriu as concessões de outros estados. O governo já cogitou não devolver créditos de ICMS para empresas compradoras de mercados subsidiados.

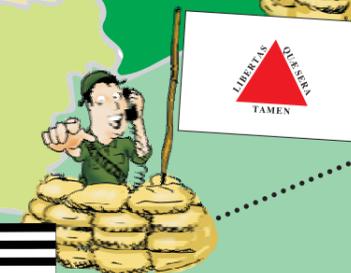
ESPÍRITO SANTO – Quem usa o Porto de Vitória só paga 5% do ICMS. O resto é parcelado em 20 anos, com taxa de juros muito baixa.

MINAS GERAIS – O governo mineiro baixou, há alguns anos, a alíquota do ICMS para não perder fábricas de torrefação de café. A medida foi um contra-ataque ao Rio, que fez o mesmo.

CRONOLOGIA

- A PRIMEIRA LEI de incentivos fiscais do Pará, sob pressão da FIEPA, é do ano de 1996, durante o governo Almir Gabriel
- EM SETEMBRO DE 2002, foi publicada a lei Estadual nº 6.489/2002, dispondo sobre a política de incentivos fiscais ao desenvolvimento socioeconômico do estado
- EM ABRIL DE 2006, o Supremo Tribunal Federal declarou inconstitucional a lei de incentivos fiscais paraense (ADI 3246/PA)
- EM JUNHO DE 2006, o Pará promulgou quatro novas leis, de nº 6.882, 6.883, 6.884 e 6.885, sendo a primeira destinada à indústria pecuária, a segunda destinada ao setor de pescada, a terceira voltada para a agroindústria e a última, às indústrias de forma geral. Essas quatro novas leis foram objeto de Ação Declaratória de Inconstitucionalidade movida pelo Procurador Geral da República (ADI 33779/PA), pendente de julgamento.
- DESDE 2007 o governo paraense não concede incentivos fiscais e nem renova incentivo fiscal para empresas paraenses.

ILUSTRAÇÃO: MARIVALDO SANTANA / CALAZANS SOLIZA



POR DENTRO DOS INCENTIVOS		
No novo projeto de lei aprovado pela Assembleia Legislativa do Pará, os incentivos deixam de ser fiscais e passam a ser financeiros. Dessa forma, não estarão mais suscetíveis a ações de inconstitucionalidade.		
Leis	Antiga Lei de Incentivos	Nova Lei
Instrumentos	Isenção, crédito presumido, diferimento, redução da base de cálculo	Financiamento
Máximo de benefício	Até 100%	Até 75%
Oneração financeira	Sem oneração, já que é renúncia fiscal	Indefinida, pois virá por regulamento. Expectativa: juros e correção monetária
Política fiscal	Sem ônus para a empresa	Com ônus para a empresa (financiamento)

ESTÍMULO À COMPETITIVIDADE DAS INDÚSTRIAS

No modelo antigo, a concessão de incentivos fiscais dependia de aprovação do Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária). A partir de agora, a empresa contratará um “empréstimo” junto ao FDE, que poderá chegar a até 75% do valor do imposto devido. A empresa não receberá dinheiro, mas ganhará um bônus socioambiental, ou seja, se cumprir a legislação estabelecida pelo governo, principalmente nas questões que envolvem o meio ambiente e critérios sociais, poderá obter “abatimento” de até 100% do valor do “empréstimo”. Na prática, o governo poderá renunciar aos impostos a que tem direito - e esses 75%

representam, na verdade, o máximo da renúncia pelo Estado na divisão do bolo do ICMS.

Segundo o secretário da Fazenda do Pará, José Raimundo Trindade, a alteração na lei do FDE vai “estimular a modernização e diversificação da base produtiva industrial paraense, com sustentabilidade ambiental, inclusão social e ganhos de produtividade”. Além disso, serão criados certificados de bonificação, concedidos mediante cri-

térios ambientais e de inovação tecnológica, entre outros.

As empresas que possuem incentivos garantem que é um mecanismo importante para garantir a competitividade do setor produtivo paraense. O exemplo é a Hiléia, empresa de produtos alimentícios, que funciona em Castanhal e Belém. A empresa, que atua há 44 anos no Pará, possui hoje 1.055 funcionários e atua ainda no Amazonas,

Amapá, Acre, Roraima, Maranhão, Piauí, Ceará e Distrito Federal. “O empresário paraense tem um custo de produção maior que o de outras regiões do país em função da logística, custos de estoques de matéria-prima e seguros – contra incêndio e aci-

dentos, por exemplo. Tudo proporciona um custo maior de produção e isso acaba recaindo fatalmente para o consumidor”, afirma Hélio de Moura Melo Filho, diretor comercial da Hiléia. “Em São Paulo, o trigo é isento de ICMS. Até pouco tempo, pagávamos 17% no Pará. Por isso, é importante o governo manter uma política de incentivos para viabilizar as empresas que estão instaladas ou em fase de instalação no nosso estado.” ■

“O empresário paraense tem custo de produção maior que os concorrentes de outras regiões. É importante o governo manter uma política para viabilizar as empresas no Pará.”

Hélio de Moura Melo Filho, diretor comercial da Hiléia



• Hélio Melo no parque industrial da Hiléia, em Castanhal: falta de incentivos pode respingar no consumidor

MOTIVOS PARA DOSAR CAUTELA E OUSADIA

Em meio às turbulências da economia mundial, as empresas devem avaliar com cuidado suas ações e prospectar investimentos em novos mercados

Cortes nos gastos, redução de pessoal, ajustes na carga horária. Essas são apenas algumas das medidas que as empresas estão sendo obrigadas a tomar em razão da crise econômica mundial. Os reflexos da tensão no mercado afetam todo o mundo. No Pará a situação não é diferente.

De acordo com dados do Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), somente em dezembro de 2008, o estado perdeu 11 mil postos de trabalho formal – o pior desempenho na geração de emprego nos últimos 10 anos.

As empresas vêm adotando diversas atitudes para rever seus rendimentos e, principalmente, interferir o mínimo nos seus níveis de produção. De acordo com Nara Abdon d'Oliveira, diretora executiva da Gestor Consultoria, todas as áreas comerciais sentiram a chegada da crise e o comportamento de muitas delas se mostrou semelhante. “É importante saber que as decisões tomadas agora, como demissões e cortes em orçamento, são medidas que não demoram a apresentar reflexos”, explica.

Para a diretora, poucos profissionais sabem fazer uma redução de efetivo de forma correta, sem comprometer o planejamento estratégico da empresa. Racionalizar o consumo de recursos como água, energia elétrica e telefone nos escritórios e nas indústrias é necessário, mas é preciso algo mais. “Nessa crise, toda empresa deve avaliar quais as necessidades de que pode abrir mão e o que deve manter na área de investimento”, afirma Nara.

A sugestão para tentar se “manter de pé” na atual instabilidade econômica se transforma em desafio. “É preciso buscar novos mercados, novos caminhos, novas



áreas para atuar. Crise gera crise, mas alguns setores continuam aquecidos em meio à turbulência e é neles que o empreendedor contemporâneo deve focar seus esforços. É hora de ousar”, revela.

Arrojo e olhar apurado são as ferramentas para encontrar alternativas de negócios no momento de tensão do mercado. E é com visão crítica que as operadoras de seguro têm ajudado pessoas que acabaram de perder o emprego e não querem ter o nome incluído das ditas listas “suas”, como SPC e Serasa.

De acordo com dados da Federação Nacional de Previdência Privada e Vida (Fenaprevi) os contratos conhecidos como seguros-desempregos cresceram 30% no fim de 2008. Eles se destinam a pagar prestações de serviços básicos como água, luz e telefone e até investimentos maiores como automóveis, enquanto o desempregado busca uma nova vaga.

Os números revelam que em 2007 esse tipo de negociação tinha 19% de aceitação. Já em dezembro do ano passado saltou para 25%, um crescimento superior a 31%. O presidente da Fenaprevi, Antônio Cássio dos Santos, afirma que o seguro é uma saída para que o orçamento do desempregado possa “respirar”. No entanto, é uma medida paliativa, já que os planos cobrem, em média, de três a seis meses. O motivo? A suscetibilidade a fraudes. “Pedimos que o contratante esteja empregado a no mínimo seis meses. Evitamos trabalhadores temporários e pessoas que mudam de emprego com frequência. Além disso, seis meses é o tempo que a média dos brasileiros leva para conseguir uma recolocação no mercado de trabalho”, explica Santos. ■

Prato principal: saúde e bem-estar

Dispostas a manter profissionais mais saudáveis e obter ganhos de produtividade, empresas paraenses investem cada vez mais em programas de educação alimentar

A preocupação com a saúde e o bem-estar deixou de ser uma inquietação pessoal, abandonou as clínicas de estética e academias e ganhou novos espaços. Hoje, os cuidados com uma alimentação balanceada e com a prevenção e controle de doenças são ações desenvolvidas por muitas empresas com foco direto na qualidade de vida e rendimento de seus funcionários. O Sesi (Serviço Social da Indústria) desenvolve há quatro anos no Pará um programa que tem mudado não só a forma de cozinhar dos paraenses, mas também a mentalidade das pessoas que já participaram do projeto. O Cozinha Brasil tem como principal objetivo dar orientações sobre uma alimentação nutritiva e de baixo custo, respeitando as diferenças regionais.

O programa funciona com uma unidade móvel equipada com sala de aula que é levada às empresas. No curso, o participante – que pode ser um funcionário, seu familiar ou morador da comunidade do entorno da empresa – aprende a aproveitar integralmente os alimentos e aumentar o seu potencial nutritivo. A iniciativa estimula os cuidados com a saúde e consegue reduzir os gastos financeiros com a alimentação familiar. O Cozinha Brasil nasceu em São Paulo com o projeto “Alimente-se bem por R\$ 1”. Hoje, a iniciativa é desenvolvida em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

A gerente de Saúde do Sesi no Pará, Suely Linhares, afirma que a cada ano as empresas estão mais focadas na saúde de seus profissionais. Com trabalhadores saudáveis, as empresas reduzem as eventuais perdas produtivas geradas pela ausência de funcionários por questões médicas. “A procura pelo programa é muito grande e isso mostra que nosso trabalho tem dado certo. Começamos o ano de 2009 com nossa agenda lotada até junho e com ações programas até dezembro”, comenta. Passados quase cinco anos, o programa já chegou a 17 municípios paraenses e totaliza 20.650 participantes até o ano de 2008. “Esse número representa a quan-



O Cozinha Brasil, que é aplicado pelo Sesi em todo o país tem como principal objetivo dar orientações aos trabalhadores da indústria sobre uma alimentação nutritiva e de baixo custo. Confira a evolução do número de participantes:

2005	5.163
2006	5.666
2007	4.132
2008	5.689
Total	20.650

• O preparo das refeições servidas aos funcionários da Eldorado Exportação é acompanhado de perto por uma nutricionista



FOTOS: MARCELO LELES

“Até os complementos servidos nas mesas do restaurante são controlados. Se um recipiente com azeite deveria durar um mês e acaba antes do tempo, significa que foi usado em excesso, e só repomos no mês seguinte.”

Ana Elizabeth Progenio, nutricionista da Eldorado Exportação

tidade efetiva de pessoas que participaram dos cursos, que aprenderam sobre alimentação, nutrição, condições ideais de higiene e como evitar o desperdício”, diz.

Entre as empresas que apostaram na qualidade de vida de seus funcionários está a Eldorado Exportação, que atua no ramo de exportação de madeira no Pará e faz parte do grupo francês Saint Gobain. Há cerca de três anos o cardápio servido aos funcionários tem ligação direta com os resultados dos exames médicos periódicos realizados pela equipe de medicina do trabalho da empresa.

Os 150 funcionários contam com alimentos menos calóricos, com a quantidade de sal na medida certa e sem excesso de óleo.

“Até os complementos servidos nas mesas do restaurante são controlados. Se um recipiente com azeite deveria durar um mês e acaba antes do tempo, significa que foi usado em excesso, e só repomos no mês seguinte”, explica Ana Elizabeth Progenio, nutricionista da Eldorado que acompanha de perto o preparo dos alimentos. Além do cardápio benéfico, que é consumido diariamente, são realizadas, duas vezes ao ano, campanhas internas para estimular os trabalhadores a terem uma vida mais saudável.

Os funcionários que apresentam alguma alteração nos exames clínicos, como hipertensão e colesterol alto, passam a receber uma dieta especial, com intenção de normalizar estes níveis. “Temos avaliação constante e percebemos que a atenção com o que se come teve uma grande aceitação de quem trabalha na Eldorado e isso nos aproximou ainda mais do nosso público”, garante a nutricionista.

A conclusão feita pela nutricionista da Eldorado é confirmada pelo Sesi. “Avaliamos o programa como extremamente positivo. O Cozinha Brasil tem uma grande aceitação do Pará, tem conseguido alcançar seus objetivos e a cada ano envolver mais pessoas”, afirma Suely Linhares. ▶



MARCELO LEIS

• Hora do almoço no refeitório da Albras: alimentação balanceada no dia-a-dia

REFLEXOS NA QUALIDADE DE VIDA

Uma das empresas que têm obtido bons resultados com um programa voltado para o bem-estar dos funcionários é a Albras, produtora de alumínio instalada em Barcarena. Há quatro anos a empresa desenvolve o Vida Saudável, que é voltado para a qualidade de vida dos empregados e trabalha, entre outras coisas, os cuidados com a alimentação. Quase 1.000 pessoas participam ativamente do programa, que oferece atendimentos individuais, realização regular de exames clínicos e exercícios físicos. Segundo Josiane Mesquita, nutricionista do Vida Saudável, as ações são monitoradas por uma equipe multiprofissional, que elabora avaliações físicas com base no Índice de Massa Corpórea (IMC), um cálculo entre a altura e o peso de uma pessoa, e também o percentual de gordura.

Na questão da alimentação, o Vida Saudável busca proporcionar ao participante uma reeducação nutricional. “Verificávamos que as pessoas comiam muito e muitas coisas que não são saudáveis, como frituras, por exemplo. Passamos a acompanhar e mostrar que elas não precisariam deixar de comer o que gostam, mas associar alimentos mais saudáveis às suas dietas”, explica Josiane. E os resultados favoráveis não demoraram a aparecer. Alguns empregados que tinham hipertensão e diabetes começaram a controlar as doenças de forma menos desgastante. “Estimulamos nossos empregados a associar a alimentação aos exercícios físicos e as melhorias são visíveis pela perda de peso, pela melhoria no humor e no rendimento do trabalho, mas principalmente no resultado dos exames clínicos que realizamos”, garante a nutricionista.

Uma das testemunhas dos bons resultados do acompanhamento nutricional é Sebastião Cordeiro, de 45 anos, soldador da oficina de veículos da Albras. A falta de atenção com a alimentação rendia tonturas e mal-estar, sintomas que interferiam no convívio com a família e no próprio trabalho. Ele decidiu mudar. Cortou a carne vermelha com gordura e incluiu verduras e legumes à dieta regular, além de virar adepto dos exercícios físicos. “Controlei o diabetes e passei a produzir mais na empresa. Recomendo a todos.”

CARDÁPIO SEM IMPOSIÇÃO

Apesar de rígida, a “dieta ideal” praticada nas empresas não é imposta aos funcionários. “Não forçamos nossos empregados a comer os alimentos mais saudáveis. Nosso trabalho consiste em orientar e ensinar como eles devem dosar os produtos para manter uma alimentação mais saudável”, explica Josiane Mesquita, nutricionista da Albras. Veja os itens ideais para a alimentação dos funcionários:



INDISPENSÁVEIS

- Verduras (alface, rúcula, tomate e cenoura)
- Legumes
- Carnes magras
- Alimentos cozidos
- Frutas em geral
- Água



EVITADOS

- Bebida alcoólica
- Carne com gordura
- Frituras



SÓ COM MODERAÇÃO

- Massas
- Refrigerantes
- Doces

ARTIGO

João Menezes

Gerente de Recursos Humanos das Operações do Norte da Vale



UMA ARTICULAÇÃO QUE GERA BONS FRUTOS

Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram um retrato dramático da realidade do trabalhador brasileiro. Segundo o Instituto, quase 40 milhões de brasileiros com idade igual ou acima de 18 anos têm só o Ensino Fundamental completo. Ou nem isso. Essa população, que equivale a quase metade de toda a força de trabalho, explicita para nosso país um enorme problema: para garantir a sobrevivência, muitos deles ainda conseguem emprego na economia informal com êxito. Para os outros, o horizonte é desolador. Isso porque as empresas, com a modernização e um ambiente que demanda cada vez mais conhecimento, já não precisam tanto de força física, que é o que a maioria dos trabalhadores tem a oferecer. É necessária uma educação formal adequada.

Quando se analisam as exigências das competências para preenchimento de vagas nas empresas brasileiras, o requisito mínimo de escolaridade formal é de oito anos, mas o que constatamos é que o trabalhador brasileiro tem, em média, um grau de escolaridade de menos de cinco anos. Até poucas décadas atrás, era possível ensinar a um analfabeto funcional quase tudo de que ele precisava para exercer seu ofício, mas hoje, é impossível mascarar os efeitos de uma educação formal precária, pois a aquisição por conhecimento aumentou significativamente nas últimas duas décadas.

Enquanto o Brasil oferece às empresas uma força de trabalho com formação abaixo do mínimo exigido, outros países acenam com estatísticas admiráveis, como a Coreia do Sul: força de trabalho tem dez anos de estudo, em média; Japão: são 11 anos; EUA e Alemanha: 12 anos. É importante destacar que todos esses países trabalham com um cenário de 18 anos de escolaridade para seus trabalhadores até 2010, buscando trabalhadores com capacidade de aprender e a pensar, e de treinar para se adaptar ao ambiente do trabalho multifuncional.

Mais de 65% dos novos empregos que serão gerados pela Vale entre 2009 e 2012 serão no estado do Pará. Os empregos indiretos podem ser estimados em mais de 130 mil, sendo importante destacar que quase 85% des-

tes empregados são para os segmentos operacionais e de técnicos de nível médio.

Em mais de vinte anos de operação da Vale no Pará, temos executado um Plano Estratégico de Formação, Capacitação e Qualificação de Recursos Humanos, que leva em consideração os comprometimentos da educação formal, pois a maioria dos jovens que vivem e residem no sudeste do Pará, e que participa dos nossos programas, é oriunda de famílias de baixa renda e egressa de escolas públicas.

Em todos os nossos Programas temos módulos teóricos e práticos, com conteúdos “transversais”, como meio

Enquanto o Brasil oferece às empresas uma força de trabalho com formação escolar abaixo de cinco anos, a Coreia do Sul tem força de trabalho com dez anos de estudo

ambiente, cidadania, segurança no trabalho, relações interpessoais, com duração entre 12 a 18 meses. Durante a realização desses conteúdos ficam claras as deficiências desses jovens, evidenciando a necessidade de ministrá-los de forma simultânea com os conteúdos técnicos.

Assim, mesmo com consistentes critérios de acesso através de processos seletivos, temos que iniciar nossos programas com módulos de nivelamento nas áreas de matemática, física, química, língua portuguesa e, em algumas situações inglês, além da inclusão no mundo digital. Sem esse “reforço” nessas áreas de conhecimento, nos defrontamos com várias dificuldades de acesso aos conteúdos do “mundo do trabalho”, principalmente no domínio dos conteúdos relacionados a eletroeletrônica; eletrônica digital, mecânica, eletromecânica etc.

A articulação entre a educação formal e a educação profissional é peça fundamental para o desenvolvimento de um país. Os investimentos privados são essenciais para esta articulação, mas precisamos de políticas públicas consistentes que apoiem e alinhem estas iniciativas. Pensar em desenvolvimento sustentável sem inserir na agenda esta relação é, no mínimo, incoerente, nunca uma utopia.



• No Projeto Japiim, moradoras de Barcarena recebem cursos de corte e costura e equipamentos para produzir

Projetos sustentáveis

Com programas sociais e culturais que estimulam a capacitação da mão-de-obra, a Alubar abre o leque de oportunidades para a geração de renda e emprego no Pará

Com experiência de 30 anos na América Latina e Europa no ramo de vergalhões e cabos elétricos de alumínio, a Alubar Metais, empresa instalada em Barcarena, no nordeste do Pará, cumpre seu papel de contribuir para o desenvolvimento econômico da região. Principal exportadora de vergalhão de alumínio liga para o Mercosul, a empresa gera divisas para o Estado, além de fomentar o desenvolvimento de fornecedores locais. O desempenho econômico da empresa é digno de respeito, mas é obrigado a dividir os holofotes com as iniciativas sociais praticadas na região. Projetos que incentivam a educação, a geração de renda e a cultura estão dando nova perspectiva de vida para famílias paraenses.

Uma das iniciativas que têm mudado a vida de mulheres de Barcarena é o Projeto Japiim. Há quase dois anos, mães de crianças e adolescentes com necessidades especiais no município recebem cursos de capacitação, equipamentos modernos e uma dose extra de incentivo. Desde 2006, mais de 50 mães já foram beneficiadas com o projeto, que oferece oficinas de corte e costura, materiais e infraestrutura de maquinário. No início, elas começaram a desenvolver trabalhos de artesanato, crochê e miriti. Hoje, as maiores encomendas são para a fabricação de uniformes completos dos colaboradores da Alubar.

“A Alubar hoje é a empresa que proporciona as possibilidades do pro-

jeto e é também o principal cliente, tratando o projeto como fornecedor mesmo. Isso fecha o ciclo da sustentabilidade”, declara Márcia Campos, consultora de responsabilidade social corporativa e coordenadora do projeto. A iniciativa está transformando a realidade de mulheres que antes não tinham a perspectiva de conciliar a vida profissional com a rotina de acompanhar os filhos nos atendimentos da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Barcarena, que conta hoje com 142 alunos, divididos em turmas que compreendem a faixa etária de zero ano até a idade adulta.

Atualmente, 12 mães estão matriculadas, entre elas Dona Antonia Pacheco, mãe da menina Franciele,



FOTOS: DIVULGAÇÃO

• A Casa Rosada está sendo restaurada para receber exposições sobre a cultura local

de 9 anos, que tem microcefalia e frequenta a APAE há três anos. A dona de casa, que também faz bicos como manicure e faxineira, conta que costurava em casa, mas não conhecia algumas técnicas. “Aprendi a costurar de verdade, com técnicas diferenciadas”, conta Dona Antonia, que com o dinheiro que recebe por suas produções já está construindo sua casa na comunidade de São Francisco. A produção mensal dos uniformes da Alubar já chega a 120. Em 2009, a meta, no curto prazo, é que as encomendas cheguem a 250 peças por mês. Com renda mensal de aproximadamente meio salário mínimo, os lucros são calculados conforme o volume da produção e divididos de forma igualitária entre as participantes do projeto.

Antes da implantação do Projeto Japiim foi feita uma pesquisa para avaliar as necessidades da comunidade. Segundo Márcia Campos, foi durante essa pesquisa que se revelou a realidade das mães: como elas têm que cuidar dos filhos, não havia tempo suficiente para elas tentarem chances no mercado de trabalho. A empresa doou a sede do Japiim, que fica numa área anexa à escola da APAE, e ainda todo o material utilizado para as produções. Mesmo com o pouco tempo de existência, o projeto tem dado passos significativos. De acordo com Márcia, as costureiras já fizeram uniformes para os alunos da APAE e também algumas costuras para pequenos comerciantes locais. ■



PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Localizada na Rua Siqueira Mendes (a primeira de Belém), no centro da Cidade Velha, a Casa Rosada é um dos projetos culturais patrocinados pelo Grupo Alubar, atual proprietária do imóvel, um dos mais antigos da cidade. Neste espaço, que passa por restauração, será instalado um Centro Cultural. Para tornar a Casa um espaço para visitação e exposições voltadas para a cultura e história da capital paraense, o trabalho de revitalização conta com a parceria do Fórum Landi, ligado à Universidade Federal do Pará. Formado por pesquisadores de Brasil, Itália e Portugal, o Fórum objetiva revitalizar construções como a Casa Rosada, que faz parte do legado artístico e arquitetônico de Antonio Landi, em Belém. O imóvel está inscrito no Programa Monumenta, do Ministério da Cultura, que financia o projeto de restauração do prédio. Outras parcerias garantem treinamento de técnicos em restauração, que adquirem conhecimento e se habilitam a conseguir empregos. “O desafio é buscar a integração com a comunidade local, fazer uma restauração no prédio e colocar naquele espaço uma atividade de cultura e desenvolvimento na área histórica de Belém”, diz o gerente geral da Alubar, Ricardo Figueiredo. Para a Alubar, a importância da Casa Rosada está ligada diretamente à preservação do patrimônio histórico da cidade e à valorização da cultura local, já que exposições de artistas plásticos e demais formas de expressão cultural poderão ser beneficiadas com a iniciativa. O projeto funciona também como um cantinho-escola, que forma mão-de-obra operacional especializada para o trabalho de preservação e restauro.

Dos bancos acadêmicos para a vida real

É possível um estudante transformar o processo produtivo de uma indústria? Sim. Que o digam os participantes do mais novo programa do IEL

Cresce a cada ano o número de jovens que procuram exercitar na prática o conhecimento adquirido em sala de aula. É o que mostram os dados divulgados pelo IEL (Instituto Euvaldo Lodi), da FIEPA. O número de estagiários encaminhados ao mercado de trabalho cresceu 38% no ano passado em relação a 2007. Ao todo, 2.865 jovens tiveram sua primeira experiência profissional em 2008, 795 a mais que em 2007. Esta quantidade tende a aumentar no decorrer de 2009 em razão do BITEC (Programa de Iniciação Científica e Tecnológica para Micro e Pequenas Empresas), cujo objetivo principal é transferir conhecimentos das instituições de ensino para as micro e pequenas empresas, com aplicação direta no setor produtivo.

O BITEC é resultado de um parceria entre IEL, Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), Sebrae (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Alunos de graduação, selecionados e orientados por um professor irão gerar soluções que possibilitem o desenvolvimento tecnológico e, conseqüentemente, ampliem a produtividade da empresa. “A ideia é estreitar os laços entre o setor produtivo e o acadêmico, proporcionando novos padrões de relacionamento entre eles e ainda contribuir para a resolução de questões de interesse das micro e pequenas empresas, do ramo da indústria, comércio ou serviços, mediante a execução de projetos”, explica Vanessa Anjos, coordenadora do BITEC, no Pará.

Os projetos que serão desenvolvidos pelos acadêmicos dentro das empresas deverão contemplar os temas inovação, empreendedorismo, tecnologia e gestão, e devem abranger as áreas de gestão tecnológica, engenharias, controle e processo industriais, gestão ambiental, biotecnologia, nanotecnologia, energias renováveis e eficiência energética, logística, produção de design, agronegócio, produção alimentícia, informação e comunicação, saúde e segurança do trabalho, que tem por objetivo a criação e o aperfeiçoamento



Clarisse Fonseca, 21 anos, estudante do 7º semestre do curso de design e projetos de produtos da Uepa, faz parte do BITEC. Ela elaborou um manual de metodologias de design de produtos para o espaço Mira Campos, empresa que trabalha com confecção de bolsas, roupas e acessórios. O projeto é focado somente na confecção de roupas. A estudante fez um estudo sobre os materiais e uma análise sobre o espaço da empresa e de seus concorrentes. Segundo Clarisse, o projeto está em fase de finalização e em breve será implementado. “A empresária se propôs a realizar as mudanças sugeridas por mim e pela minha orientadora”, conta a bolsista, empolgada. Ela diz que sua orientadora ajudou na parte técnica do projeto, como decidir as etapas do mesmo. “O BITEC foi uma oportunidade única, pois pude vivenciar na prática toda teoria estudada na universidade. Eu pude conhecer as realidades do mercado de trabalho.”

mento de produtos, processos e/ou serviços da empresa.

De acordo com os objetivos de cada projeto, os bolsistas poderão realizar diagnóstico, mapeamento, protótipo, software, pesquisa, teste e manual. O estudante apoiado por seu professor-orientador poderá implementar somente um projeto por edição. Quem tiver o projeto aprovado passará a receber uma bolsa no valor mensal de R\$ 300 durante seis meses. Serão ofertadas 600 bolsas em todo o país.

O professor poderá orientar até dois bolsistas em projetos distintos, acompanhando o estudante no desenvolvimento do projeto na micro ou pequena empresa com pelo menos uma visita técnica ao mês. Ambos devem ter correlação quanto à área do curso. Basicamente, o orientador sugere bibliografias, auxilia em pesquisas e tira dúvidas. O engenheiro de produção José Augusto, técnico de nível superior da Uepa (Universidade do Estado do Pará), orienta dois alunos em projetos distintos e diz que o BITEC aproxima os alunos do mercado de trabalho. “O programa proporciona ao acadêmico vivenciar na prática o que ele está vendo na sala de ▶

O QUE É O BITEC

O Programa de Iniciação Científica e Tecnológica para Micro e Pequenas Empresas é uma iniciativa de cooperação entre o IEL, Senai, Sebrae e o CNPq, que tem por objetivo transferir conhecimentos gerados nas instituições de ensino diretamente para o setor produtivo.

Metodologia

- ☑ A partir das necessidades identificadas nas micro e pequenas empresas participantes do programa, alunos de graduação selecionados e orientados por um professor irão gerar soluções que possibilitem o desenvolvimento tecnológico e ampliem a produtividade da empresa.
- ☑ As bolsas incentivam a competitividade da empresa por meio da inserção de estudantes supervisionados que promovam o empreendedorismo e a inovação tecnológica e melhoria de gestão.

Quem pode participar do programa

- ☑ Estudantes de bom desempenho escolar, regularmente matriculados em cursos de graduação ou superior técnico, que sejam de instituições públicas ou privadas, oficialmente reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC).
- ☑ Professores-orientadores universitários, vinculados aos mesmos departamentos dos estudantes selecionados, que deverão montar, com os empresários, os planos de trabalho e supervisionar a atuação dos bolsistas na execução dos projetos.
- ☑ Micros e pequenas empresas dos setores da indústria, do comércio ou de serviços, também inseridas em APLs; associações/sindicatos/cooperativas que representem pequenos produtores/negócios; e empresas incubadas de base tecnológica.

Plano de trabalho

- ☑ Durante seis meses, os bolsistas deverão realizar pesquisas, diagnósticos, mapeamento e testes, confeccionar ou aperfeiçoar protótipos e softwares, elaborar projetos, relatórios, cartilhas e manuais que concretizem os objetivos do plano de trabalho proposto.

A bolsa

- ☑ Serão oferecidas 600 bolsas por edição, com o valor de R\$ 300 mensais, a cada estudante. As empresas que tiverem os projetos contemplados passam a ser parceiras do programa. Cada empresa poderá beneficiar-se de apenas um projeto por edição.



MARCELO LEUS

aula. Mostra o dia-a-dia da empresa, as dificuldades do mercado e dá oportunidade para os acadêmicos levarem soluções tecnológicas para o aumento da produtividade”, afirma.

A empresa pode beneficiar-se de apenas um projeto, devendo oferecer e garantir condições para o seu desenvolvimento. A empresa que desistir após o início dos trabalhos não poderá ser substituída e a bolsa será cancelada. “O BITEC é de fundamental importância, não apenas para o acadêmico que pode fortalecer seu conhecimento técnico e científico, mas para a empresa também, pois passa a contar com um profissional qualificado e com o custo relativamente baixo”, ressalta o engenheiro mecânico e professor de engenharia de produção da Uepa, Carlos Serra.

Que o diga o empresário Marcelo Monteiro, da Ourogema, especializada no comércio de joias. Ele conta que a experiência com estudantes já teve efeitos diretos nos negócios da empresa. Ele recebeu a visita de um estudante do curso de engenharia de produção, da Universidade da Amazônia, e de um professor-orientador, que elaboraram um projeto para a área de logística e gerenciamento de estoques. A empresa já tinha desenvolvido algo neste sentido, mas segundo Monteiro, era deficiente. A falta desse controle estava fazendo com que a empresa perdesse alguns serviços. “Devido não termos uma reserva de segurança, tínhamos que esperar alguns dias até que os materiais chegassem na fábrica. Isso, algumas vezes, fazia com que perdêssemos o negócio”, conta o empresário, que aderiu ao projeto do estudante. “O BITEC dá oportunidade para o estudante vivenciar todas as particularidades de determinada área”, completa.

As inscrições para o BITEC estão abertas até 31 de março de 2009 e poderão ser feitas na sede do IEL, localizada no prédio da FIEPA. x

Melhorar o processo produtivo da Cardoso Paixão, empresa do setor joalheiro. Esse foi o projeto da estudante Bruna Brandão, que cursa o 5º semestre de engenharia de produção da Uepa. Segundo a universitária, de 20 anos, a proposta visa um melhor gerenciamento do negócio da empresa. “Os gargalos da produção, a falta de capacitação, falta de equipamentos, enfim, tudo o que prejudica a empresa em seu processo produtivo foi identificado, analisado e exposto ao empresário”, conta.

Bruna passou dois meses realizando pesquisas, conhecendo os fornecedores e as situações diversas dentro da empresa.

Ela conta que o BITEC, além de proporcionar o primeiro contato com o mercado de trabalho, lhe deu mais clareza sobre o seu futuro profissional. “No programa pude conhecer as dificuldades do dia-a-dia de uma indústria, conversar com empresários, com funcionários, isso, com certeza, só contribuiu ainda mais com a minha formação.”

CONSULTORES

EMPRESARIAIS

Agora a sua indústria pode contar com profissionais capacitados para atender e orientar nos mais diversos problemas e desafios organizacionais. O Instituto Brasileiro de Consultores Empresariais - IBRACEM é o local certo onde sua empresa encontrará Consultores especializados, experientes, com muita credibilidade e com foco no resultado.

IBRACEM. Criando estratégias para o desenvolvimento da indústria.

Áreas de atuação:

Qualidade e Produtividade;
Saúde;
Gestão Contábil, Tributária,
Trabalhista e organizacional,
Segurança no Trabalho,
Meio Ambiente;
Compensação Tributária,
e muitos outros.



Agende uma visita!

Contato: (91) 4009-4709



Inovação a caminho do interior

Um dos desafios do Senai para 2009 é aumentar a sua atuação nos municípios paraenses e ampliar os programas de qualificação profissional

O ano de 2009 será decisivo para o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) do Sistema FIEPA no Pará. Com mais de 55 anos de história, a instituição tem como desafio ampliar sua área de atuação no interior do estado. O trabalho já começou com a instalação de novos Centros de Educação Profissional. Juruti, no oeste paraense já ganhou o seu. O espaço oferece cursos de mecânica, elétrica, programa de formação de operadores de máquinas pesadas e cursos técnicos de meio ambiente e segurança no trabalho. O município de Canaã dos Carajás, no sudeste do estado, também recebeu um Centro de Educação Profissional, com a oferta de cursos de eletricidade, operação e manutenção de mina, guindaste veicular, eletrônica, pneumática, direção defensiva e equipamentos móveis, entre outros.

O Senai é reconhecido nacional e internacionalmente. Cerca de 400 mil profissionais já passaram pelos 14 Centros de Educação Profissional espalhados em 11 municípios paraenses. Com os projetos de expansão, até o final de 2009 a instituição deverá contar com 17 unidades, em 14 municípios. Tudo para promover a educação profissional e elevar a competitividade da indústria. Além da instalação de novos centros, está prevista a revitalização de duas unidades operacionais situadas em Belém, do Centro de Educação Profissional Getúlio Vargas e do Centro Diesel da Amazônia (CEDAM). Haverá ainda a reforma e ampliação do Centro de Educação Profissional de Marabá, onde será triplicada a capacidade instalada atualmente.

“A missão do Senai é sempre buscar a inovação para atender as indústrias, por isso, buscamos não só ampliar nossas instalações, mas garantir cada vez mais a qualidade tecnológica para a sustentabilidade do setor produtivo”, afirma Gerson Peres, diretor regional do Senai no Pará. A instituição também vai inaugurar o Laboratório de Ensaio em Cerâmica, no município de São Miguel do Guamá, e o Laboratório de Eletroeletrônica e Automação em ▶



• O Senai pretende encerrar 2009 com 17 unidades instaladas em 14 municípios paraenses



• As unidades do Senai que oferecem cursos profissionalizantes em Belém passarão por reformas para melhorar a infraestrutura dos serviços

• Entre os cursos ofertados estão os de mecânica, elétrica e treinamentos técnicos de meio ambiente e segurança no trabalho

Castanhal e Barcarena, ainda neste ano. A instituição vai aumentar o número de vagas ofertadas nos cursos de aprendizagem industrial. “Apesar de ser uma instituição particular e não governamental, o Senai vem desempenhando um papel fundamental para garantir a aprendizagem de milhares de brasileiros”, explica Gerson Peres.

Qualificação de jovens em situação de risco

Com os projetos de expansão e o conseqüente reforço nos cursos de profissionalização, o Senai também consegue aumentar a sua participação em programas de responsabilidade social. Exemplo mais recente disso é que a instituição se aliou à luta contra a exploração sexual de jovens em situação de risco no Brasil. Parceiro do projeto Vira Vida, o Senai está oferecendo a centenas de jovens a oportunidade de formação profissional, de resgate da cidade e de ingresso no mercado do trabalho. Os primeiros jovens já estão sendo atendidos. Duas turmas estão em andamento no curso de Costureiro Industrial e Operador de Computador, e novas turmas estão previstas para começar em março. As duas primeiras turmas formarão 40 jovens. O objetivo é facilitar o ingresso dos alunos no mercado de trabalho através da iniciação profissional.

Para Rita Arêas, presidente do Sindusroupa (Sindicato da Indústria de Confeções de Roupas do Estado do Pará), o Vira Vida se enquadra perfeitamente no setor de confecção, pois as mulheres compõem a maioria da mão-de-obra do setor, e a demanda aumentou bastante nos últimos tempos. “Existe um déficit muito grande de mão-de-obra qualificada. Quanto ao preconceito, ele existe em toda parte, porém eu acredito que os empresários estão mais conscientes e pode não haver resistência nas contratações”, analisa.



• Sabrina Pamplona: sonho do negócio próprio

GANHOS PARA TODOS

A formação nos cursos profissionalizantes ofertados pelo Senai (veja lista na página ao lado) pode ser uma porta para os profissionais que pretendem entrar no mercado de trabalho. Já para a indústria, é uma forma de melhorar seu processo produtivo e até de ampliar a competitividade, já que o trabalhador qualificado agrega valores para a empresa onde trabalha. Pode ser decisivo para incrementar os negócios da indústria. Os cursos não são destinados apenas para quem quer trabalhar em uma indústria. Eles também podem atender quem deseja montar seu próprio empreendimento, como Sabrina Pamplona, que está fazendo o curso de informática básica e atualmente trabalha em um microempreendimento familiar. “Encontrei no Senai uma forma de preparação profissional para poder gerenciar e realizar meu sonho” afirma a jovem, que pretende um dia montar seu próprio negócio.

Por ser a primeira vez que a Escola do Senai trabalha com jovens em situação de exploração sexual do Vira Vida, a experiência está sendo desafiadora, tanto para os jovens em situação de risco quanto para os professores e colaboradores do Senai, segundo avaliação da diretora de Educação e Tecnologia da instituição, Lúcia Peres. “O interesse, o envolvimento e a responsabilidade dos alunos no projeto estão sendo surpreendentes. Dar oportunidade de aprendizado para quem já teve tanto sofrimento é gratificante para o Senai”, analisa.

Os professores passaram por uma oficina antes do início das aulas para nivelar a metodologia pedagógica a ser utilizada com os alunos. A etapa de seleção foi minuciosa. A equipe técnica, formada por uma pedagoga, uma psicóloga e uma assistente social, trabalhou em três etapas: a redação com tema “Como estou vivendo hoje e o que quero para meu futuro?”, a entrevista individual e a utilização de dinâmicas.

Para a pedagoga Milena Chaves, foi essencial estudar o cotidiano de cada um através das etapas de seleção e foi notável a existência de uma grande expectativa por parte dos jovens em participar do projeto. “Este projeto é uma oportunidade de tirar os jovens que estão vulneráveis à exploração sexual dessa vida”, comenta.

A jovem L.C, 16 anos, é uma das participantes do Vira Vida. Vaidosa e atenta em assuntos ligados à moda, a estudante da 7ª série do ensino fundamental acredita que, para ter um trabalho digno, o caminho certo é estudar. Por isso ela se candidatou para entrar no projeto e se esforçou para ser selecionada. “Com esta oportunidade que estou tendo de me qualificar, vou poder conquistar meu sonho de ser independente e retribuir tudo que a minha mãe me deu.” ■

O SENAI ATUA EM 20 ÁREAS

- Alimentos
- Automação
- Calçados
- Confeções
- Construção civil
- Didático/pedagógico
- Eletroeletrônica
- Gestão
- Informática
- Madeira e mobiliário
- Mecânica automotiva
- Mecânica industrial
- Meio ambiente
- Mineração e joalheria
- Pesca
- Qualidade
- Refrigeração
- Segurança do trabalho
- Segurança no trânsito
- Soldagem

SERVIÇO

Para mais informações, empresas e jovens podem ligar para as unidades do Senai em Belém (91) 4009-4759, Castanhal (91) 3721-1439, Bragança (91) 3425-1148, Cametá (91) 3781-1194, Canaã dos Carajás (94) 3358-1667, Juruti (93) 3536-1556, Santarém (93) 3522-1541, Marabá (94)3322-1833, Altamira (91) 3515-1867, Barcarena (91) 3754-1453 ou Parauapebas (94)3346-6999.



• Além do futebol de campo, vôlei e futebol de areia, os Jogos do Sesi envolvem outras sete modalidades esportivas

FOTOS: FABRÍCIO GESTA

a participação da Alubar nos jogos reflete diretamente no ambiente de trabalho. “Quando os jogos começam, as equipes de trabalho ficam mais unidas e o clima na empresa melhora. Os trabalhadores ficam mais animados e se sentem valorizados com o apoio que a Alubar dá para os times”, explica. A empresa é a atual bicampeã estadual na modalidade futebol de areia. De acordo com o supervisor, a equipe de cerca de 80 trabalhadores-atletas da Alubar participa das disputas de futebol de areia, futebol society e futebol de campo. “Já estamos ansiosos para os jogos em 2009”, diz.

A categoria mais badalada é o futebol de campo. O atual campeão é o time da Hiléia, ligada ao setor alimentício, que levou o título estadual após derrotar a Mariza, do mesmo ramo, por 3 a 1. A grande final foi realizada em novembro após uma preparação especial. Na reta final da competição, as seis equipes que chegaram às etapas decisivas ficaram concentradas durante quatro dias no hotel Gold Mar, em Belém. Os cerca de 120 trabalhadores-atletas envolvidos nos jogos participaram de palestras sobre temas como disciplina e espírito de equipe. É o esporte lado a lado com a cidadania. ■

SERVIÇO
Para as indústrias paraenses interessadas em participar dos Jogos do Sesi 2009, ainda está em tempo. Para mais informações, entre em contato com a Gerência de Cultura, Esporte e Lazer da instituição pelo número (91) 4009-4933 ou pelo e-mail: gcel@sesipa.org.br

As lições do esporte

O gol é só um detalhe. Nos Jogos do Sesi, além do lazer e da qualidade de vida, os trabalhadores se voltam para a disciplina e o trabalho em equipe

“O esporte tem um papel transformador no destino das pessoas e possibilita um estilo de vida mais saudável. A prática esportiva contribui tanto para um melhor condicionamento físico como para a produtividade no trabalho.” A afirmação de José Olímpio Bastos, superintendente do Sesi (Serviço Social da Indústria), no Pará, justifica por que a instituição está investindo cada vez mais no Programa Sesi Esporte, que desenvolve desde 1996 os Jogos do Sesi. Em 2008, a competição bateu o recorde de participação, tornando-se o maior evento esportivo classista do

Pará. Mais de 90 indústrias paraenses de oito municípios (Ananindeua, Belém, Barcarena, Benevides, Castanhal, Marituba, Marabá e Santa Izabel) participaram das disputas, que envolveram mais de 2,5 mil trabalhadores em dez modalidades. A expectativa para este ano é aumentar cada vez mais esse número.

A edição 2009 dos Jogos do Sesi começou nos últimos dias 15 e 18 de fevereiro, nos Centros de Atividades do Sesi em Belém, Ananindeua e Barcarena, com jogos de futebol de areia, vôlei de areia trio e futebol de salão, respectivamente. Ao todo, dez

modalidades serão disputadas: futebol de campo, futebol society, futebol de salão, tênis de quadra, tênis de mesa, vôlei de quadra, vôlei de praia, natação, atletismo e xadrez.

De acordo com gerente de Cultura, Esporte e Lazer do Sesi-PA, Éder Palheta, os jogos no primeiro semestre são divididos em etapas municipais. Já no segundo, cada campeão por modalidade e município vai disputar em Belém e Ananindeua o troféu estadual da competição.

O Sesi investe nas modalidades esportivas por elas promoverem a integração dos trabalhadores, o que

é determinante para o desenvolvimento de valores que podem fazer a diferença dentro e fora da empresa. É possível levar aprendizados obtidos no campo e nas quadras para o ambiente de trabalho? Pode parecer complicado, mas é fácil de entender. “O trabalho coletivo, a disciplina, a convivência com as pessoas e o respeito são alguns dos valores que os participantes desenvolvem”, destaca Éder, que é coordenador dos jogos.

Para fixar esses valores, o Sesi realizou em Belém, em dezembro de 2008, um workshop para cerca de 180 pessoas, entre trabalhadores-atletas e empresários, para lançar oficialmente no estado o projeto Valores do Esporte. “O objetivo foi enfatizar os valores que o esporte desenvolve e sua relação com o trabalho e a vida de seus praticantes”,

explica Felipe Fagundes, coordenador do projeto Valores do Esporte, do Departamento Nacional do Sesi.

E não são apenas os trabalhadores que ganham com os jogos. Segundo José Olímpio, as empresas contabilizam benefícios significativos. “A atividade física regular é uma importante ferramenta de prevenção de doenças, contribuindo assim, para a redução do absenteísmo (ausência no trabalho por motivos de doenças crônicas imperceptíveis) e do presenteísmo (presença no trabalho com baixa produção)”, destaca o superintendente regional do Sesi.

Um bom exemplo é a Alubar, indústria produtora de cabos de alumínio e vergalhão instalada em Barcarena. De acordo com o supervisor de produção Marcelo Oliveira, que trabalha há 10 anos na empresa,

Proteção e segurança para o futuro

FIEPA lança pacote de benefícios que inclui planos de previdência complementar e de saúde para os funcionários

Boas notícias para os colaboradores do Sistema FIEPA logo no início de 2009. A partir de agora, os servidores do Sesi (Serviço Social da Indústria), Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), IEL (Instituto Evaldo Lodi) e da própria federação poderão aderir ao plano de previdência complementar e ao plano de saúde corporativo. “Essa é uma importante vitória do Sistema, que neste ano comemora seus 60 anos e ruma para a sua ‘melhor idade’, dando aos seus colaboradores a oportunidade de contar com um futuro melhor, com mais segurança e saúde. Além de ser uma forma de reconhecimento e valorização para com os profissionais que trabalham conosco”, afirma José Conrado Santos, presidente da FIEPA.

O plano de previdência complementar é chamado de PrevFIEPA e já atraiu 121 funcionários do Sistema desde dezembro de 2008, quando foi lançado. Ele é administrado pela Petros (Fundação Petrobrás de Seguridade Social), um dos maiores fundos de pensão do país. Para os que já aderiram, a cada R\$ 1 investido, a FIEPA deposita o mesmo valor, dobrando o saldo total que o servidor terá direito a receber no final do plano. O valor depositado no PrevFIEPA obedece a tabela fornecida pela Petros e é calculado conforme o salário base do trabalhador. Dessa forma, um funcionário com 59 anos, que recebe R\$ 3 mil



• O consultor do PrevFIEPA, Jorge Marques (à esquerda), dá orientações sobre o plano de previdência complementar: amparo após a aposentadoria

de salário e comece a depositar mensalmente R\$ 122,05 no PrevFIEPA, ao se aposentar aos 64 anos, por exemplo, receberá o valor de R\$ 19.702,44, caso o funcionário opte por receber integralmente o benefício.

“Já tive colegas que vinham para o trabalho cansados devido à idade. Eles não queriam parar de trabalhar porque sabiam que o que iriam receber da previdência social não daria para atender todas as suas necessidades”, conta Jorge Marques, 59 anos, técnico contábil da FIEPA há 30 anos e um dos consultores do PrevFIEPA. Ele explica que muitos funcionários acabam voltando ao trabalho mesmo depois da aposentadoria com o intuito de manter a qualidade de vida. Para suprir essa deficiência, é crescente o número de empresas e instituições que oferecem planos de previdência complementar. Segundo dados da Secretaria de Previdência Complementar do Ministério de Previdência Social, em junho de 2008 haviam 2.060.518 trabalhadores inscritos em um plano de previdência complementar, beneficiando um total de 6.779.351 pessoas entre seus dependentes.

Além das vantagens de natureza programada e continuada, como a aposentadoria, o plano de previdência complementar da FIEPA oferece também proteção contra riscos de morte, acidentes, doenças e invalidez. Ao aderir

ao PrevFIEPA é descontado mensalmente do salário do colaborador a contribuição estabelecida e a FIEPA deposita a sua parte diretamente para a Petros. Assim, ao se aposentar, o funcionário ainda pode escolher entre receber uma quantia mensalmente, assim como uma aposentadoria, ou resgatar todo o montante acumulado com a sua contribuição e parte dos depósitos do Sistema. Além desses benefícios que todos os participantes receberão, ainda há os conquistados pelos participantes fundadores – aqueles que se inscreverem até o dia 8 de março de 2009. Para estes, o tempo de contribuição previsto pelo contrato cai de dez para cinco anos, ou seja, mais cedo o participante vai poder resgatar seu benefício. “Tenho mais 17 anos de serviço e a FIEPA ainda dobra a minha contribuição. Quando me aposentar, vou estar seguro e amparado por este plano”, afirma o operador de audiovisual da Secretaria de Comunicação da federação, José Augusto de Oliveira, há 14 anos funcionário do Senai.

A cada mês, os consultores da Petros retornam à Belém e às outras unidades do estado para realizar campanhas de adesão, promover palestras e esclarecer dúvidas. No site da Petros, cada funcionário pode fazer o seu simulador de renda e ficar sabendo quanto vai contribuir e quanto acumulará. ■



• Lançamento do PrevFIEPA: reconhecimento aos colaboradores

NOVO PLANO DE SAÚDE

Outro benefício concedido pela diretoria da FIEPA e suas entidades coligadas aos seus funcionários é o plano de saúde. A federação firmou parceria com a Hapvida Assistência Médica Ltda. Até agora, mais de 700 pessoas, entre funcionários e dependentes, já se inscreveram no plano de saúde.

O plano entrou em vigor em fevereiro deste ano e oferece total cobertura em consultas, exames e interações de urgência, emergência e eletivas em todas as especialidades médicas, com abrangência regional ou nacional. O Sistema FIEPA fica responsável por pagar de 40% a 70% do valor da mensalidade, de acordo com o salário do colaborador, que completa o restante a ser pago. O colaborador que incluir dependentes no plano terá que arcar com os custos de seus familiares incluídos no plano.

“A FIEPA está dando mais uma vez o exemplo de que o maior bem de qualquer instituição são as pessoas. São elas que fazem a diferença”, afirma o diretor de Negócios Corporativos da Hapvida, Humberto Carneiro Jr. É ele quem vai às unidades do Sistema FIEPA prestar consultoria desde o dia 5 de janeiro deste ano. A Hapvida vai disponibilizar um assistente social especialmente para a federação e uma gerente de relacionamento para dar continuidade ao processo de atendimento.

O Sistema só fechou contrato com a Hapvida depois de um processo licitatório, uma espécie de concurso público. Na primeira fase, as empresas de planos de saúde enviaram todos os documentos exigidos pelo edital lançado pela FIEPA. As empresas que passaram para a segunda fase apresentaram suas propostas, na qual a da Hapvida se mostrou mais adequada ao Sistema. “Nosso colaborador é fundamental, por isso, o Sistema Federação das Indústrias está concedendo esses benefícios para garantir qualidade de vida e melhorias a todos os trabalhadores”, finaliza José Conrado, presidente da FIEPA.



O CENÁRIO ECONÔMICO DO FERRO-GUSA

O momento econômico mundial, que está afetando todos os setores produtivos que trabalham com exportação, sobretudo o siderúrgico, teve um agravamento ainda maior por conta do preço do minério de ferro, matéria-prima para a produção do gusa, que continua alto.

Enquanto o preço do ferro-gusa tem passado por uma trajetória decrescente, saltando de cerca de US\$ 600 a tonelada no segundo semestre de 2008 para um patamar de US\$ 280 em janeiro deste ano, o minério de ferro mantém uma escalada crescente, custando atualmente em torno de US\$ 108.

A Vale, principal fornecedora da matéria-prima (ferro) para a produção do gusa, está mantendo o preço do minério de ferro alto, alheia ao atual momento econômico. Para que a situação econômica consiga uma melhora, o ideal seria que esse preço da tonelada do ferro ficasse em torno de US\$ 36, diminuindo os custos com a produção do beneficiamento do minério.

Ora, durante o período de alta no valor do gusa, a Vale acompanhou a escalada crescente de valorização, aumentando em proporção similar o preço do minério que produz. Porém, o mesmo não ocorreu quando o ferro gusa começou a sofrer decréscimo de valor.

Para entender melhor essa relação inversa de valores, é interessante relembrar os dados econômicos desse período. Quando o gusa era comercializado a US\$ 280 a tonelada, o preço do minério de ferro custava US\$ 37. Ocorre que o preço do gusa chegou a atingir o patamar de US\$ 600 e, no mesmo período, o preço do minério também acompanhou o crescimento, saltando para US\$ 108.

O detalhe é que, com os efeitos negativos do atual momento econômico mundial, o valor do gusa baixou novamente para US\$ 280, enquanto o minério permanece com o mesmo preço de US\$ 108, o que tem tornado inviável a produção do gusa, acirrando ainda mais a gravidade econômica do setor siderúrgico.

Por essa razão, as tentativas de negociação estão sendo feitas junto à empresa por representantes do setor siderúrgico de todo o mundo, que compra o minério na

companhia. Porém, ainda sem resultado positivo.

É bom ressaltar que quase a totalidade da produção paraense é destinada à exportação e que o Pará, segundo maior produtor nacional de ferro-gusa, é responsável por 25% da produção do país, ficando atrás apenas do estado de Minas Gerais.

No entanto, diante do quadro atual, as indústrias foram obrigadas a dar férias coletivas a seus empregados, enquanto aguardavam uma possibilidade de melhora nas exportações. Mas, como isso não ocorreu, muitos trabalhadores acabaram sendo desligados. Hoje, já é sabido que mais de 3 mil trabalhadores perderam seus postos de trabalho na indústria siderúrgica paraense, que se concentra no polo de Marabá.

O setor siderúrgico é um dos principais geradores de divisas para o estado. Só em 2008, por exemplo, as indústrias paraenses exportaram quase US\$ 900 milhões

Mesmo assim, a expectativa do setor é otimista em relação à implementação do pacote de medidas econômicas que está sendo prometido pelo novo presidente dos Estados Unidos, o democrata Barak Obama. A tendência é que, com a iniciativa americana, a demanda internacional pelos nossos produtos volte a aquecer a nossa economia. Porém, o setor também espera que a Vale se junte a esse esforço de reverter o quadro econômico mundial, reduzindo o preço do minério de ferro.

Acreditamos que essa conjunção de esforços se faz necessária – e urgente – nesse momento, especialmente pela importância da siderurgia para a nossa região. O setor é um dos principais geradores de divisas para o estado. Só em 2008, por exemplo, as indústrias paraenses exportaram quase US\$ 900 milhões. Não é a toa que a atividade ocupa posição de destaque na pauta estadual de exportações: ficou na quarta posição no ano passado. A contribuição das siderúrgicas para a balança comercial paraense já foi superlativa, mas pode ser ainda mais expressiva com a recuperação da economia mundial. ■

INDÚSTRIA EM FOCO

A fotografia de David Alves, tirada na fábrica da Ecomar Indústria de Pesca S/A, localizada em Vigia, no nordeste paraense, retrata um setor que contribui de forma significativa para a economia paraense. Em 2008, o setor pesqueiro produziu mais de 5 milhões de toneladas de pescado. As negociações contribuíram com cerca de US\$ 18 milhões para a balança comercial do Pará.



TUDO QUE O PARÁ PRODUZ DE MELHOR.



GRIFOS



**Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia,
27 a 30 de maio, 17h00 às 22h00.**

A cara do desenvolvimento paraense em exposição no Hangar. A IX Feira da Indústria do Pará vai mostrar tudo que somos capazes de produzir de melhor. Visite com toda a família. Informações: (91) 4009-4809 e 4009-4806.

ORGANIZAÇÃO:

WR
Feiras e Congressos

REALIZAÇÃO:

